

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CENTRO-OESTE**

*Campus de Irati*

**Setor de Sociais Aplicadas – SESA/I**

**Departamento de Turismo – DETUR/I**

**VANESSA DE FATIMA PIANARO**

**UMA ANÁLISE DA FESTA RELIGIOSA UCRANIANA HAILKA DO MUNICÍPIO DE  
MALLET – PR COMO ATRATIVO TURÍSTICO CULTURAL**

**IRATI-PR**

**2014**

**VANESSA DE FATIMA PIANARO**

**UMA ANÁLISE DA FESTA RELIGIOSA UCRANIANA HAILKA DO MUNICÍPIO DE  
MALLET – PR COMO ATRATIVO TURÍSTICO CULTURAL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentada ao curso de Turismo da Universidade Estadual do Centro-oeste – UNICENTRO, *Campus* de Irati – PR, como requisito para obtenção do título de Bacharel em Turismo

Orientador(a): Prof. Dra. Poliana Fabíula Cardozo

**IRATI-PR**

**2014**

Dedico este trabalho aos meus pais. Mãe, seu cuidado e dedicação foi que deram, em alguns momentos, a esperança para seguir. Pai, sua presença significou segurança e certeza de que não estou sozinha nessa caminhada.

## **AGRADECIMENTOS**

Ao fim desta jornada de quatro anos intensos e de desafios só tenho a agradecer. A Deus pela força para superar as dificuldades. A meus pais Márcia e Edeloy pelo amor, pela dedicação, pelo incentivo nos momentos difíceis e por ficarem acordados até a hora da minha chegada, obrigado por tudo. Ao meu Amor Tiago, por estar junto comigo nessa jornada, sempre ao meu lado ajudando e compartilhando de todos os desafios, pelas palavras de carinho, pelo abraço apertado e pelos momentos de alegria. Aos meus professores em especial a Professora Dra. Poliana Fabíula Cardozo, fundamental na construção deste trabalho. Aos meus colegas de turma, e amigos em especial os melhores Leia, Andreia, Gilmar que proporcionaram os grandes momentos da vida universitária. Aos colegas do ônibus que desde 2011 seguem juntos todos os dias e tornaram as viagens mais curtas e divertidas. E por fim a comunidade ucraniana da Serra do Tigre Mallet, sobretudo as pessoas entrevistadas essenciais para este trabalho.

*“Um povo quando emigra leva consigo, mesmo que disto não se aperceba, todo aquele complexo que faz uma nacionalidade ser diferente da outra, [...]”*

(Pe. VALDOMIRO BURKO, 1963, p. 81)

## RESUMO

A festa Hailka é uma festa religiosa tradicional em uma pequena comunidade de descendentes de ucranianos situada no município de Mallet - PR. A comemoração é um momento de diversão, fé e memória para as pessoas, acontece sempre após o domingo de Páscoa. Este trabalho analisou por meio de pesquisa bibliográfica, documental, entrevistas e observação da festa se a esta caracteriza ou não um atrativo turístico cultural ao município, visto que a manifestação é uma forma de exposição da cultura dos imigrantes com características únicas, podendo assim atrair turistas para a região. A pesquisa bibliográfica trata de discutir e conceituar os temas cultura, turismo cultural e turismo étnico, festividades religiosas, uso das festividades religiosas pelo turismo e atrativo turístico. Para análise ainda é proposta um pequeno levantamento a cerca da história da imigração ucraniana no Paraná e em Mallet, também das festas religiosas ucranianas. Os resultados mensurarão a importância da festa para a comunidade ucraniana e para o município, pois esta retrata uma cultura singular e conta a história de um povo.

**Palavras chave:** Atrativo turístico, Cultura, *Hailka* , Mallet, Turismo Cultural,.

## RESUMEN

La fiesta *Hailka* es una fiesta religiosa tradicional en una pequeña comunidad de descendiente de ucranianos situada en el municipio de Mallet – PR. La conmemoración es un momento de diversión, fe y memoria para las personas, ocurre siempre después del domingo de Pascua. Ese trabajo analizó por medio de la pesquisa bibliográfica, documental, entrevistas y observación de la fiesta si la caracteriza o no un atractivo turístico cultural a lo municipio, visto que la manifestación es una forma de exposición de la cultura de los inmigrantes con características únicas y de tal vez traer turistas para la región. La pesquisa bibliográfica discute e conceptúa los temas cultura, turismo cultural y turismo étnico, festividades religiosas, uso de las festividades religiosas por el turismo y atractivo turístico. Para el análisis aún es propuesto un pequeño levantamiento acerca de la historia de inmigración ucraniana para el Paraná y en Mallet, también de fiestas religiosas ucranianas. Los resultados mensuraran la importancia de la fiesta para la comunidad ucraniana y para el municipio, pues la última retracts una cultura singular y habla sobre la historia de un pueblo.

**Palabras llave:** Atractivo Turístico, Cultura, *Hailka*, Mallet, Turismo Cultural,

## LISTA DE IMAGENS

Imagem 1- Decoração Ucraniana.....	15
Imagem 2- Mapa da imigração ucraniana no Paraná.....	32
Imagem 3- Estação Ferroviária de Mallet.....	36
Imagem 4- Primeira igreja ucraniana na Colônia 5, em Mallet.....	38
Imagem 5- Nova Igreja da Colônia 5, em Mallet.....	39
Imagem 6- Foto antiga da Igreja de São Miguel Arcanjo.....	40
Imagem 7- Pêssankas.....	42
Imagem 8- Igreja São Miguel Arcanjo.....	47
Imagem 9- Início da Dança da <i>Hailka</i> .....	48
Imagem 10- Dança Adão e Eva.....	49
Imagem 11- O Caracol.....	50
Imagem 12- Última Dança.....	51



## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>08</b>
<b>2. CULTURA E TURISMO .....</b>	<b>13</b>
2.1 CULTURA.....	13
2.2 ATRATIVOS TURÍSTICOS .....	16
2.3 TURISMO ÉTNICO COMO UMA VARIÁVEL TURISMO CULTURAL .....	19
2.4 FESTIVIDADES RELIGIOSAS .....	22
2.5 USOS DAS FESTIVIDADES RELIGIOSAS PELO TURISMO .....	25
<b>3. A IMIGRAÇÃO UCRANIANA.....</b>	<b>29</b>
3.1 COLONIZAÇÃO UCRANIANA NO PARANÁ .....	29
3.2 A COLONIZAÇÃO DE MALLETT.....	34
3.3 RELIGIOSIDADE UCRANIANA.....	36
<b>3.3.1 Páscoa Ucraniana.....</b>	<b>41</b>
<b>4. A FESTA HAILKA.....</b>	<b>44</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>52</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>54</b>
<b>APÊNDICE.....</b>	<b>58</b>
A. ROTEIRO DAS ENTREVISTAS.....	58
B. INVENTÁRIO.....	59

## INTRODUÇÃO

Muitas podem ser as motivações para uma viagem: diversão, lazer, descanso, saúde, negócios, busca por conhecimentos, compreensão e vivência dos costumes de diferentes culturas. Barretto (2000) explica que há uma infinita variedade de possibilidade de motivações para viajar e estas podem ser agrupadas em duas grandes divisões: motivação e busca por atrativos naturais, e motivação e busca por atrativos culturais.

As viagens motivadas por atrações culturais são cada vez mais comuns, aguçando a curiosidade dos indivíduos em conhecer e viver experiências novas. Uma das maneiras de ter uma experiência diferente pode ser a participação do turista nas festas religiosas presentes em muitas comunidades.

As festas religiosas ucranianas de Mallet (PR) apresentam características capazes de atrair turistas que queiram sentir e conhecer a cultura ucraniana do município, pois possuem costumes, tradições históricas e singulares.

Mallet está localizado na região centro-sul do estado do Paraná, a 230 km da capital Curitiba, e foi colonizado principalmente por imigrantes poloneses e ucranianos que, mantiveram vivos costumes e tradições de seus países de origem, como, por exemplo, a gastronomia, as danças, a arte na produção de bordados e pêsankas e, também, nas festas religiosas (MALLET, 2014).

Os imigrantes ucranianos camponeses, provenientes das províncias da Ucrânia ocidental, chegaram ao Brasil no final do século XIX. Suas vindas se deram por conta da necessidade de obter melhores condições de vida, no momento em que a Ucrânia passava por um processo socioeconômico de dificuldade e contava com uma superpopulação agrária.

Diante desse contexto, fazia-se necessário emigrar. Entre 1880 e 1914, mais de 45 mil ucranianos deixaram a Galícia Oriental — na época, a maior e mais pobre província do império austro-húngaro — e se estabeleceram no Brasil (CARVALHO; BATISTA; BARROS, 2011).

Ainda que seja escassa a documentação, a maioria dos estudiosos atribuem ao ano de 1895 o ponto inicial da imigração ucraniana no sul do Brasil (BURKO, 1963, p. 47)

a imigração em maior volume se deu entre os anos de 1895 e 1896: no primeiro ano entraram em torno de 5.500 ucranianos, que desembarcaram no porto de Paranaguá-PR e seguiram para o planalto paranaense e estado de Santa Catarina. Assim, dividiram-se da seguinte maneira: no Paraná, dois mil indivíduos instalaram-se em Água Amarela (Antonio Olinto), 80 famílias em Jangada (União da Vitória), 800 famílias nos arredores dos municípios de Marechal Mallet e Dorizon e 1.500 famílias, ou seja, oito mil pessoas em Prudentópolis e proximidades. O estado de Santa Catarina recebeu 200 famílias na localidade conhecida como Iracema (BURKO, 1963, pp. 48-49).

O Paraná foi o estado que abrigou, inicialmente, a maioria dos ucranianos que vieram para o Brasil. Fixados no estado, os imigrantes começaram a produzir seus alimentos, construir suas escolas e igrejas, preservando principalmente sua cultura religiosa, suas festas e suas artes até os dias de hoje (BORUSZENKO, 1969).

Tendo em vista a força cultural produzida pelos imigrantes ucranianos, o presente trabalho tem como foco as festas religiosas e seu uso turístico. Assim, são estes os objetivos:

Geral: analisar se a festa religiosa ucraniana *Hailka* do Município de Mallet (PR) figura como um atrativo turístico-cultural.

Específicos:

- Estudar os conceitos de base da pesquisa: turismo cultural, turismo étnico, festividades e atrativos turísticos;
- Caracterizar as festas religiosas ucranianas de Mallet;
- Estudar a religiosidade para os descendentes de ucranianos;
- Descrever a festa *Hailka*;

Desta forma, tem-se o problema: as festas religiosas ucranianas do Município de Mallet figuram como um atrativo turístico-cultural?

Este estudo é relevante ao apresentar a possibilidade de ampliação da oferta turística no município de Mallet, por meio das festas religiosas ucranianas, bem como contribui para um maior conhecimento acadêmico em relação ao turismo cultural e étnico. Além do exposto, considera-se que o estudo é relevante também por trazer em análise destas manifestações culturais, ainda pouco estudadas.

Para efetuar a investigação, foi necessário inicialmente adotar como método de estudo a pesquisa documental, explorando, além da bibliografia específica, descrita ao final do trabalho, uma coleta de dados e fontes que contribuíram para análise, tais como entrevistas com participante e da festa *Hailka*.

A pesquisa bibliográfica permitiu à pesquisadora um aprofundamento sobre os conceitos de turismo cultural, turismo étnico, festividades e atrativos turísticos.

O delineamento da pesquisa foi concretizado em uma análise prévia, realizou-se um levantamento das festas religiosas ucranianas do município, através de um inventário que, segundo Cardozo (2004, p. 24), é o “[...] registro sistemático de recursos e bens para avaliação, descrição e ordenação para otimização do uso dos mesmos”.

As fichas do inventário focavam a localização, a organização, o público, a abrangência, a alimentação e as expressões culturais de cada evento. O inventário foi realizado nos meses de maio e junho de 2014, por meio de contatos com as secretarias de duas Paróquias, a Sagrado Coração e a São José, e organizadores das festas.

Por meio do inventário, chegou-se aos seguintes resultados: o município de Mallet possui atualmente sete igrejas ucranianas: Igreja Divino Espírito Santo, na Colônia 5; Igreja São Josafat, na Colônia Santa Cruz; Igreja Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, na Colônia Vera Cruz; Igreja Matriz Sagrado Coração de Jesus, bairro Centro; Igreja Nossa Senhora Rainha da Paz, na Colônia Lageado; Igreja São Miguel Arcanjo, na Colônia Serra do Tigre; e Igreja Matriz São José, no distrito de Dorizon. Todas elas fazem ao menos uma festa ao ano, geralmente em louvor ao padroeiro de cada igreja, e são organizadas pelas comunidades.

As festas ocorrem durante todo ano, variando datas de acordo com o calendário festivo do município, organizado pela Secretaria Municipal de Cultura e Turismo.

A Igreja Matriz Sagrado Coração de Jesus e a Igreja São Miguel Arcanjo, além da festa em homenagem ao padroeiro, realizam mais um evento cada: na São Miguel acontece a tradicional Hailka e na Matriz Sagrado Coração é realizada a festa *Ivana Kupala*. As duas manifestações são muito conhecidas no município por cultivarem a tradição dos primeiros imigrantes.

A festa *Ivana Kupala* também faria parte desta pesquisa, mas, devido a problemas de documentação, não foi realizada na data prevista, 12 de junho de 2014; assim sendo, apenas a festa *Hailka* foi analisada.

Através do levantamento das festas, observou-se que a festa *Hailka* possui características diferenciadas, com atrações culturais singulares, dentre as outras

manifestações festivas da comunidade ucraniana de Mallet, podendo assim atrair turistas culturais.

As informações estudadas foram obtidas por meio de entrevistas e aplicação de questionários semiestruturados em um roteiro de entrevistas com o participante e organizador da *Hailka*, objetivando conhecer melhor o histórico da festa e também a importância do evento para a comunidade local.

Minayo (2004, p. 99) coloca que:

O roteiro de entrevista difere do sentido tradicional do questionário. Enquanto este último pressupõe hipóteses e questões bastante fechadas, cujo ponto de partida é as referências do pesquisador, o roteiro tem outras características. Visando apreender o ponto de vista dos atores sociais previstos nos objetivos da pesquisa, o roteiro contém poucas questões. Instrumento para orientar uma “conversa com finalidade”, ele deve ser o facilitador de abertura, de ampliação e de aprofundamento da comunicação.

Realizaram-se duas entrevistas: uma com organizador e com um participante da festa *Hailka*, os entrevistados serão identificados por nomes fictícios. O organizador Ivan mora na comunidade da Serra do Tigre desde que casou no ano de 1995. Já o participante Pedro mora na comunidade desde que nasceu. Tanto Ivan quanto Pedro são descendente de ucranianos.

As entrevistas foram feitas no período de 26 de maio a 10 de junho de 2014, em um local da preferência do entrevistado mediante um contato prévio. As entrevistas foram gravadas com o consentimento dos entrevistados. Os dois entrevistados receberam explicações quanto à pesquisa.

Ricardsom (1999, p. 259 *apud* SOARES; PEREIRA; DIAS, 2011) comenta que a observação é à base da investigação do campo social, indispensável ao processo de pesquisa científica. A observação participativa da festa *Hailka* permitiu o contato direto da pesquisadora com o objeto de pesquisa para “conhecer os fatos derivados dos fenômenos no momento de sua ocorrência” e possibilitou “[...] também de levantar o maior número possível de informações sobre determinada situação observada” (SOARES; PEREIRA; DIAS, 2011, s/p).

A ação colaborou para um conhecimento mais profundo da pesquisadora com a organização do evento e a forma como ele acontece. A atuação no evento também admitiu o registro de fotos, feitas pela própria autora com uma câmera Canon modelo SX40 para melhor observação das expressões culturais da festa.

O trabalho será dividido em capítulos, sendo o primeiro capítulo a discussão teórica em que serão descritos os conceitos pertinentes a este estudo: cultura; turismo cultural e turismo étnico, festas religiosas, usos das festividades religiosas pelo turismo e atrativos turísticos. O capítulo seguinte aborda a história da imigração ucraniana no Paraná. Em seguida, a descrição e considerações são feitas sobre a festa. A última parte trata das considerações parciais correspondentes à pesquisa.

## 2. CULTURA E TURISMO

Este capítulo discutirá a introdução teórica proposta para o trabalho de pesquisa no qual contemplará os conceitos de cultura, turismo cultural e turismo étnico, festas religiosas, usos das festividades religiosas pelo turismo e atrativos turísticos. O primeiro texto contempla a abordagem teórica do conceito cultura.

### 2.1 CULTURA

A cultura é objeto de discussões há muito tempo. Para vários autores, o primeiro conceito e mais concreto sobre cultura foi o de Tylor que, em meio a uma diversidade de conceitos descritos até então, definiu *Culture* como, “[...] conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes ou qualquer outra capacidade ou hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade” (TYLOR *apud* LARAIA, 2009, p. 25). Tylor aborda a cultura como todos os hábitos herdados pelo homem em uma sociedade.

Esta conceituação de Tylor foi muito debatida ao longo dos anos, pois Geertz (2008) afirma que Tylor mais confundiu do que esclareceu. O conceito que Geertz defende é essencialmente semiótico, inspirado nos pensamentos de Max Weber. Geertz (2008, p.4) entende que “O homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essas teias” e que a cultura é uma ciência em busca de significados.

Barretto (2007) expõe que o problema da definição de Tylor está no fato de a sua teoria estar ligada à teoria evolucionista de Darwin, na qual a diversidade cultural era um problema para evolução e haveria povos em estágio de evolução superior a outros.

Em meio à diversidade de conceitos, para época, podemos destacar a posição de Kroeber (1917 *apud* LARAIA, 2009, p.28) em relação à cultura, para quem “o homem é o único ser possuidor de cultura” característica esta adquirida pelos seres humanos e que o faz assim ser o único que possui cultura diante dos outros seres vivos.

Ainda, para explicar o termo cultura, White (1955) escreveu que “toda cultura depende de símbolos [...]. Sem o símbolo não haveria cultura e o homem seria

apenas animal” (WHITE, 1955 *apud* LARAIA, 2009, p. 55). A palavra símbolo é usada para explicar a cultura e o autor enfatiza que o ser humano é diferente dos outros animais, pois compreende os símbolos, atribuindo a eles significados. Assim como esclarece Barretto (2007, p. 18), “todas as culturas teriam em comum o fato de utilizarem sistemas simbólicos, mas cada uma delas daria aos símbolos significados diferentes”. Para compreender e entender os símbolos, é necessário conhecer a cultura que os criou, afirma Laraia (2008).

As pessoas adquirem esses símbolos quando nascem e muitos são usados por toda a sua vida, ou em pelo menos parte dela; elas se utilizam desses símbolos para construir sua história (GEERTZ, 2008). Assim, a forma pela qual o ser humano vê e vive a cultura é delimitada por fatores impostos a ele em seu meio social; em razão disto, hábitos de outros grupos lhe causam estranheza, o que pode ser normal a uma determinada sociedade e pode ser incomum a outra.

O modo de ver o mundo, as apreciações de ordem moral e valorativa, os diferentes comportamentos sociais e mesmo as posturas corporais são assim produtos de uma herança cultural, ou seja, o resultado da operação de uma determinada cultura (LARAIA, 2009, p. 68).

Laraia (2009) mostra que a maneira como vive o indivíduo e como ele se comporta diante do mundo são heranças culturais adquiridas através das gerações e estas heranças moldam a visão do que é errado ou correto no comportamento do outro. Pode-se observar nos relatos de Tenchena (2010) que, diante de outros grupos de imigrantes, como os poloneses, os quais já viviam nas colônias, os ucranianos ficam incomodados em relação à diferença de costumes e tentavam, de certa maneira, impor sua visão de mundo.

“O fato de que o homem vê o mundo através de sua cultura tem como consequência a propensão em considerar o seu modo de vida como o mais correto e o mais natural” (LARAIA, 2009, p. 72).

O preconceito em relações a outra cultura é chamado de etnocentrismo, pensamento de que a própria sociedade é superior às outras, ou única forma de exceção (LARAIA, 2009).

Portanto, a conceituação do termo cultura está em construção e cada autor a define de acordo com o período que ele vive, pois a definição da palavra é um processo difícil e engloba diversos fatores. Mas todos os autores concordam que a cultura é uma herança de significados e símbolos, ou ainda, que ela pode ser



entendida como as regras que determinam as necessidades físicas e psicológicas do indivíduo (GEERTZ, 1989 *apud* BARRETTO, 2007, p. 18).

Ao emigrar, o povo ucraniano encontrou várias diferenças. O choque cultural foi inevitável, assim, tiveram que se adaptar a novas práticas culturais e sociais, mas mantiveram outras (TENCHENA, 2010), tais como: decoração das casas a preparação dos alimentos, artesanato e as manifestações de fé. Desta forma, os imigrantes adaptaram seus costumes à nova realidade. Na figura a seguir a foto da decoração de uma casa ucraniana.

IMAGEM 1 - DECORAÇÃO UCRANIANA



FONTE: Acervo da Autora, 2013.

O povo ucraniano criou em Mallet uma nova cultura, sobretudo na maneira de viver e de manifestar sua fé; adaptaram-se e modificaram a suas necessidades, tornando-se um povo com características peculiares.

Diante disso, pode-se sugerir que essas tradições conquistem um público que busca por atividades culturais originais, pessoas dispostas a conhecer, se relacionar e viver uma experiência nova e fascinante. Para ter o “contacto intercultural, o turista deixa de ter a experiência cotidiana do seu grupo de origem para se juntar a um novo grupo temporário, o dos turistas” (PÉREZ, 2009, p.11).

A troca de experiência e informação, a busca por conhecer cultura e tradições incomuns são estímulos à concretização de dois segmentos do turismo, o cultural e o étnico, próximos assuntos a serem tratados neste texto.

## 2.2 ATRATIVOS TURÍSTICOS

As pessoas que viajam, em sua maioria, querem satisfazer seus desejos ou suas necessidades turísticas e buscam estar em contato com lugares, pessoas ou objetos alheios ao seu cotidiano.

Os atrativos turísticos são parte da pretensão desses turistas. Para Beni (2003, p.303), o atrativo turístico é “todo lugar, objeto ou acontecimento de interesse turístico que motiva o deslocamento de grupos humanos para conhecê-los”. Assim a consolidação da atividade turística, ou do atrativo, acontece de fato se o lugar, o objeto ou o acontecimento recebe turista.

Beni (2003) vai ainda mais além e traz um detalhamento sobre os diversos tipos de atrativos, que podem ser: i) naturais: espaços que constituem uma paisagem e são muito importantes para o turismo, pois proporcionam contato direto com a natureza; ii) histórico-culturais: elementos materiais que tem forma, e são móveis ou imóveis; iii) manifestações de usos tradicionais e populares: práticas culturais específicas de uma região, uma atividade sacra ou profana, de caráter folclórico apreciada pelos turistas que também podem participar; iv) realizações técnicas e científicas contemporâneas: complexo científico ou técnico direcionados para várias áreas com características de elaboração técnica e permitem visita pública; ou v) acontecimentos programados: acontecimentos que visam o intercâmbio e divulgação de eventos como os desportivos e culturais e atuam no estímulo ao turismo.

Bahl (2004, p.37) relata que os atrativos

são recursos que podem ser utilizados como elemento diferenciador, que vai desde a amostragem de materiais característicos que se salientam nas edificações, o artesanato e as diversas manifestações artísticas até o modo de vida da população

O turismo é o resultado da procura por essas atrações. O atrativo é a matéria-prima do turismo (BOULLÓN, 2002) e pode satisfazer as vontades do turista em uma viagem. O atrativo é o que proporcionará ao turista conhecimento, novas emoções, podendo ser de diferentes tipos ou motivado por diferentes elementos – afinal, o turista sempre procura por algo.

No entanto, nem todos os lugares possuem efetivos atrativos turísticos. Qualquer cidade, região ou país dispõe de recursos capazes de atrair turistas, pois

cada lugar tem suas características que os diferem de qualquer outro lugar no mundo, desse modo todo lugar possui potencial turístico mesmo que ele não seja capaz de oferecer condições favoráveis ao uso desses recursos (CUNHA, 2008).

No que se refere a recursos, Leno Cerro (1993) explica que são bens utilizados pelo ser humano para satisfazer suas necessidades; os recursos turísticos de um lugar seriam os bens e serviços que tornam a atividade turística possível, pois satisfazem as necessidades da demanda (O.M. T, 1978 *apud* LENO CERRO, 1993). Ou então “os elementos de uma localidade que têm potencialidade para tornar-se um atrativo turístico” (BRAGA, 2007, p. 79). São bens naturais ou culturais podem despertar o interesse turístico nas pessoas.

Dominguez de Nakayama (1994, p. 24 *apud* CARDOZO, 2004, p. 66) alega que os recursos turísticos podem ser “elementos com suficiente valor, atrativos, aptos e disponíveis, sobre os quais uma comunidade pode basear sua atividade turística”. Os recursos representariam a comunidade receptora, o primeiro passo para investimentos na atividade turística.

Assim os recursos seriam os potenciais atrativos turísticos, objetos, lugares ou acontecimento que poderiam ser usados pelo turismo. Dessa maneira, o atrativo turístico, segundo Braga (2007, p.79), “é um elemento que efetivamente recebe visitantes e tem estrutura para propiciar uma experiência turística”. Portanto, os recursos turísticos são objetos, lugares, eventos e manifestações que têm potencialidades de fruição turística.

Cardozo (2004, p. 65) conclui: “ao fundir os conceitos de *recurso* e *atrativo*, para chegar ao turismo, percebe-se que não basta atrair, é preciso ter condições para uso turístico”. Os atrativos devem oferecer aos turistas boas estruturas favoráveis para que as pessoas tenham uma boa experiência turística.

Para oferecer condições satisfatórias para uso turístico dos recursos e atrativos, a atividade tem de ser planejada. O planejamento pode levar ao alcance da satisfação dos desejos e anseios dos turistas boas experiências turísticas. O destino e a atividade adequadamente planejados tendem, ao menos em tese, a gerar a fruição turística exitosa.

o planejamento turístico pretende dispor positivamente as ações dos sujeitos sobre uma localidade ou mesmo um recurso turístico com objetivos calculados, a fim de proteger o recurso propriamente dito, ou mesmo de aperfeiçoar (tanto no sentido de ampliar, como de refrear, ou ainda em sentido estrito) seu uso turístico. O planejamento turístico é, pois, encarado

como uma ferramenta racional da gestão de destinos, que visa alterar uma realidade atual por um panorama futuro que se deseja (CARDOZO, 2007, s/p).

O planejamento turístico é indispensável para o desenvolvimento equilibrado e harmonioso dos recursos físicos, culturais e sociais das regiões receptoras, evitando assim a destruição das bases que o fazem existir (RUSCHMANN, 1997).

Contudo, nem todos os destinos turísticos trabalham a atividade de forma aliada ao planejamento, até mesmo alguns bastante consolidados, e isso gera uma atividade desordenada com uma experiência frustrante em seus atrativos.

Assim, observa-se que nem tudo que desperta atração dos turistas em conhecer e visitar está disponível ou é capaz de ser usado pelo turismo. Pensando em atrativos de caráter cultural, é necessário um estudo e um planejamento detalhado das possibilidades de uso desses bens. Não são todos os bens culturais que estão disponíveis ou são de fácil acesso a todas as pessoas.

Diante disso, percebe-se que os atrativos turísticos, culturais e étnicos, em especial as festas religiosas, mostram-se aptos a satisfazer o desejo do turista cultural e daquele que quer viver uma experiência excêntrica e inusitada, pois a maioria das festas apresenta adjetivos únicos e surpreendentes aos olhos dos turistas.

No entanto, nem todas, talvez, estejam disponíveis à visita ou ao uso turístico. Sabe-se que muitas delas possuem rituais nos quais não é permitida participação ou a observação por parte de pessoas que não compartilham as mesmas crenças.

Por sua vez, há muitas festas que, além de permitirem o contato direto dos turistas com os rituais e comemorações, demonstram que a atividade revitaliza e dá nova força para a realização do evento.

A atividade turística se apropria dos bens naturais e culturais, mas esta apropriação tem que ser ordenada e planejada para que os recursos e atrativos permaneçam vivos e em boas condições de uso. Busca-se que o conhecimento e a vivência de experiências culturais sejam uma maneira pela qual os turistas e a comunidade receptora conheçam e respeitem as diferenças culturais e sociais de cada um.

### 2.3 TURISMO ÉTNICO COMO UMA VARIÁVEL TURISMO CULTURAL

O turismo indica movimento de pessoas que buscam, nas viagens, um lugar para desempenhar as mais diversas atividades, e cada vez mais o turismo cultural e o étnico vem ganhando espaço entre as muitas segmentações turísticas, pois caracteriza atrações singulares e diversificadas e complementam uma oferta já existente (BRASIL, 2010).

A população ucraniana de Mallet conserva viva até os dias de hoje a memória e costumes. Na observação da festa, é possível constatar que, através da religiosidade e da dança, são cultivados e reforçados a memória e seus laços de origem. Muitos turistas estão em busca dessas culturas, originais em sua essência.

Entre as mais diferentes formas de segmentação turística, o cultural e o étnico serão os segmentos abordados para este trabalho. Primeiramente, coloca-se a conceituação sobre turismo para tornar mais claro o entendimento da atividade. Dentre as diversas definições, a mais usada é a de De La Torre (1992), citada por Barretto (2003, p.13), que discorre que o turismo é o

fenômeno social que consiste no deslocamento voluntário e temporário de indivíduos ou grupo de pessoas que, fundamentalmente por motivos de recreação, descanso, cultura ou saúde, saem de seu local de residência habitual para outro, no qual não exercem nenhuma atividade lucrativa, nem remunerada, gerando múltiplas inter-relações de importância social, econômica e cultural.

Assim, o turismo consiste no deslocamento temporário de pessoas do lugar onde reside para outro por vários motivos e, com a saída de seu lugar habitual, o ser humano cria relações sociais, econômicas e culturais.

Observando o turismo quanto à motivação, Barretto (2000) dividiu a motivação em dois grandes grupos: a busca por atrativos culturais e a busca por atrativos naturais, sendo os culturais os atrativos que contemplam todos os aspectos da cultura humana.

Para entender melhor o turismo cultural, o Ministério do Turismo divide a definição de cultura em: cultura como processo e cultura como produto. Dessa forma, sobre a cultura como um processo, “trata-se de uma abordagem antropológica e sociológica que define cultura como o conjunto dos códigos de

conduta e do sistema simbólico que caracteriza determinada comunidade” (BRASIL, 2007, p.3).

A herança da interpretação de símbolos distinta a cada grupo cultural, fazendo uma ligação com o turismo cultural, é a busca por novas experiências fora do seu cotidiano. “O turismo cultural é o movimento de pessoas em busca de atrações culturais, com a intenção de obter novas informações e experiências que satisfaçam suas necessidades culturais” (RICHARDS, 1996, p. 24 *apud* BRASIL, 2007, p.4).

A cultura como um produto “[...] diz respeito ao produto da atividade de indivíduos ou grupos que se consubstanciam em manifestações artísticas de várias sortes” (BRASIL, 2007, p.3). São exemplos de performances culturais criadas pelos indivíduos: pinturas, espetáculos, festas, músicas entre outras.

A definição para turismo cultural, segundo o Ministério do Turismo (2007, pp. 4-5 grifo o autor) é “aquele no qual o turista tem como principal **motivação** entrar em contato com as manifestações culturais da população alvo, com o objetivo de satisfazer suas próprias necessidades culturais”. A viagem na qual o turista é movido principalmente pela vontade de contemplar e participar de atrações culturais ou estar em contato com sociedades de características próprias.

Barretto (2007, p. 87) define turismo cultural como: “[...] todo o turismo no qual o principal atrativo não é a natureza, mas um aspecto da cultura humana, que pode ser a história, o cotidiano, ou qualquer dos aspectos abrangidos pelo conceito de cultura”.

Nesta definição da autora, fica evidente que qualquer turismo que contemple os aspectos culturais de um destino é considerado turismo cultural.

Para Costa (2009, p. 48), “[...] o turismo cultural é formado pelos elementos resultantes dos recursos culturais – materiais e imateriais – do local ou grupo visitado”. O turismo cultural consiste na apreciação de bens culturais de um determinado lugar, constituído por uma oferta histórica, artística, científica, de costumes e hábitos de vida de uma comunidade, região, grupo ou instituição (SILBERBERG, 1995 *apud* COSTA, 2009 p. 41).

Dentre todos os discursos sobre turismo cultural, a definição de Barretto (2007) parece definir melhor o que é o turismo cultural, pois o turismo que contempla todos os aspectos da cultura humana. O turismo tem como principal atração os fazeres e a forma de viver das pessoas.

Desta forma, o turismo cultural contempla todas as formas de apreciação de bens culturais de um destino, direta ou indiretamente, de forma que a definição para turismo cultural é bem ampla e pode ser dividida em subtipo, como turismo de patrimônio e turismo étnico (BARRETTO, 2007).

O turismo de patrimônio é aquele em que o turista é motivado, parte ou inteiramente, para visitar o patrimônio histórico, artístico, científico ou o modo de vida de uma comunidade, região ou país (BARRETTO, 2007).

O turismo étnico é o turismo em que o principal objetivo é visitar e conhecer “[...] a forma de vida de determinados grupos humanos, diferenciados por raça, religião, região de procedência e outras características comuns” (BARRETTO, 2007, p.90).

Para melhor compreensão do turismo étnico, é importante mencionar o significado de etnia que, segundo Cardozo (2004, p. 37), seria “as características culturais que o grupo pode ter”, ou então “fonte de identidade, uma forma de ver o mundo, e por meio da mesma, de manifestar-se e lutar pela apropriação do espaço” (CARDOZO, 2004, p. 37). A apreciação da identidade, das características de determinados grupos.

A Organização Mundial do Turismo descreve turismo étnico como aquele direcionado a visitar e conhecer as “[...] tradições e estilo de vida de um grupo e utilizado principalmente para destacar o turismo nas comunidades ou enclaves específicos, em processo de desenvolvimento” (OMT, 2003, p. 168 apud CARDOZO, 2004, p. 51). Em virtude do que foi mencionado, destaca-se, no turismo étnico, a vivência e o contato direto do turista com comunidades receptoras, pois, em sua maioria, os turistas étnicos procuram ter experiências únicas e aprofundar o conhecimento cultural.

Na cultura ucraniana de Mallet, pode-se encontrar o bordado as danças folclóricas, a música e as festas que parecem oferecer e satisfazer as duas formas de turismo, tendo em vista que é cultural, dado que contempla as formas de fazeres e viveres do povo ucranianos, e também é turismo étnico, por se tratar do turismo que contempla um grupo com tradições distintas.

Cardozo (2004) explica que o turista que vê a atividade de forma generalizada consome, tanto o turismo étnico como cultural de maneira geral, sem observar os detalhes, já o turista que consome especificamente o produto étnico

observa todas suas características, esta seria a razão de sua viagem. O turista étnico procura a autenticidade nos hábitos diferentes dos seus.

Os atrativos étnicos são variados

obras arquitetônicas; festividades; idiomas e/ou expressões; trajes típicos; grupos artísticos de música e dança; gastronomia; tradições orais; religiosidade; literatura e tantos outros que facultam exprimir significância cultural para aquele povo e/ou demarcar fronteiras (étnicas/culturais) demonstrando sua presença (CARDOZO, 2006, p. 144).

Ainda, para Cardozo (2006), os atrativos que mais despertam o interesse turístico são os que fortalecem a identidade de um grupo, como a arquitetura, o artesanato, as festividades, a gastronomia e todas as manifestações relacionadas à vida de um grupo que possam demarcar as fronteiras étnicas. Desta maneira, as atrações turísticas étnicas com maior poder de apelo são as que marcam mais as características étnicas.

Diante do que foi mencionado, verifica-se que, tanto no turismo cultural como no turismo étnico, as representações da vida humana e afirmações de identidades, formam atrações turísticas em sua maioria únicas, com poder de proporcionar ao viajante experiências autênticas e nostálgicas.

Cabe também ressaltar que a etnia se estrutura em atrações características de um determinado grupo e o turismo cultural é a contemplação dos atrativos, de forma geral, da cultura humana.

Parte de representação étnica e cultural, as festas religiosas – o próximo assunto a ser discutido – são eventos que podem ser apelativos o suficiente para movimentar um grande número de turistas para um determinado destino.

## 2.4 FESTIVIDADES RELIGIOSAS

Parte de um fenômeno cultural, as festas religiosas vêm através da história conquistando muitos pesquisadores, porque, em sua maioria, possuem traços únicos de comportamento social e cultural, cultivado pelas gerações. As festas podem ser momentos de lazer, de descontração ou também um momento de celebração.



Sobre as festas, de forma geral, Guarinello (2001 *apud* COUTO, 2012, s/p) descreve que a

festa é um ato coletivo que implica uma determinada estrutura social de produção. É preparada, custeada, planejada e montada segundo regras elaboradas no interior da vida cotidiana; envolve a participação coletiva na sociedade em seu conjunto ou em grupos nos quais os participantes ocupam lugares distintos e específicos; aparece como uma interrupção do tempo social, suspensão temporária das atividades diárias; articula-se em torno de um objeto focal: um ente real ou imaginário, um acontecimento, um anseio ou uma satisfação coletiva; e, por fim, pode gerar produtos materiais ou significativos, principalmente a produção de uma identidade.

Diante do exposto acima, pode-se dizer que as festas são comemorações programadas, planejadas coletivamente, com regras preestabelecidas, em que cada membro possui sua importância e papéis definidos. Acontecem alheias às atividades diárias, fornecem diversão, lazer e contato entre as pessoas.

Para Bueno (2008, pp. 51-52), “as festas são ocasiões para as pessoas se reunirem e delas saírem fortalecidas. Nelas se instala o clima de descontração, despreocupação. A festa tem a leveza e nela se conecta com ‘o outro’”. A festa proporciona momentos de lazer e descontração. Bueno (2008, p. 52) expõe que

[...] esses eternos rituais que acompanham o homem em momentos suspensos, extraídos da linearidade do tempo cotidiano, têm muitas modalidades, mas seja qual for a sua forma de expressão, os momentos de lazer proporcionados por elas, têm sempre um caráter participativo e a forma de convivialidade que ela cria reforça e nutre os laços sociais.

As festas reforçam laços sociais e de convivência entre a comunidade onde ela acontece e com visitantes e ainda tem um grande papel de mediar a economia com as estruturas sociais e culturais; cria ligações entre grupos de pessoas e promove a mediação entre o sagrado e o profano (BUENO, 2008). Em virtude da multiplicidade destes eventos, pode-se destacar as festas religiosas.

Essas festas estão presentes nas comunidades de Mallet e são reflexo da religiosidade, tradição e vida social do povo ucranianos. Para os ucranianos, participar das festas é retomar um vínculo com as tradições e sair da rotina, sobretudo, manifestar sua religiosidade.

Jurkevics (2005) escreve que as festas religiosas são celebrações realizadas desde a colonização brasileira e que simbolizam a sociabilidade da população, tendo em vista que são uma forma de interação social. São o momento no qual a

comunidade se reúne para uma “celebração da vida, o rompimento do ritmo monótono do cotidiano, o que permite ao homem experimentar afetos e emoções” (JURKEVICS, 2005, p. 74).

Ocasões que permitem às pessoas se comunicar e manter vivas suas tradições e rituais de fé. Durkheim (1989, pp. 372-373) aponta como um grande momento da vida religiosa os “dias de festa correspondem, em todas as religiões conhecidas, à pausa no trabalho, suspensão da vida pública e privada [...]”. Eventos direcionados a grandes comemorações e manutenção da mente e do corpo, as festas tem caráter socializador, em que um grupo realiza as mais diversas atividades em conjunto.

Alves (2003) afirma que as festas são de grande importância para a sociedade, pois representam um momento de comemoração coletiva. A mesma autora prossegue: “em sua essência, a relação homem/festa torna-se muito próxima da relação homem/ritual, no sentido em que a festa religa o homem com a sua natureza religiosa” (ALVES, 2003, p. 26).

As festas religiosas são uma das maneiras que as pessoas encontraram para celebrar sua fé. E ainda, possivelmente, uma oportunidade de descanso, prazer e alegria, “confraternização e divertimento, além de fornecerem importantes elementos acerca do fenômeno de circularidade cultural” (JURKEVICS, 2005, p.75). Desta forma, as festas religiosas e a religião são uma fonte de interação com a vida em comunidade.

Para Machado (1987), a festa é um ritual religioso em que se

aliavam o sagrado e o profano, a fé e o festar, o calor da oração coletiva e o riso, a música e a dança, as solidariedades e os (re) encontros que compõem um cenário de esperança por dádivas divinas e o reconhecimento pelas graças recebidas. (MACHADO, 1987 *apud* JURKEVICS, 2005, p. 76)

As festas funcionam com um momento no qual as pessoas, em formas de rituais e comemoração, agradecem pelas bênçãos recebidas de suas divindades.

Aragão e Macedo (2003) entendem as festas como um período para a sociabilidade e que fazem com que a população relembre as tradições culturais e também a identidade coletiva e “[...] perpetuam as tradições e constituem um verdadeiro patrimônio cultural” (FERREIRA, 2009, p. 17 *apud* ARAGÃO; MACEDO, 2003, p. 17). A exemplo, temos a Festa do Círio de Nazaré, realizada em Belém

(PA), inscrita na Lista Representativa do Patrimônio Cultural da Humanidade da UNESCO em dezembro de 2013, que reúne milhares de pessoas com o desejo de devoção, pedidos e agradecimentos.

As festas representam para a comunidade um momento de lazer, confraternização e agradecimento; proporcionam o contato entre as pessoas, aguça o imaginário, descontraem a mente e reforçam o sentimento de coletividade. “A festa, em seu movimento, cria simbologias, passíveis de interpretação que une passado e presente” (TENCHENA, 2010, p.110).

Estes podem ser os grandes motivos pelos quais os indivíduos de fora das comunidades buscam pelas festas: para trocar experiências culturais em momentos dedicados a comemorações coletivas.

As festas nas comunidades ucranianas representam bem esse momento coletivo e de agradecimento da comunidade, unida a tradições e ritos muito particulares deste grupo. As festas sempre são simbólicas e geram força e união entre as pessoas; são manifestações religiosas com muitos significados e crenças.

Maia (1999, p.204) as define como “[...] manifestações culturais que se caracterizam, entre outros aspectos, por serem eventos efêmeros e transitórios, perdurando algumas horas, dias ou semanas [...]”. Assim, cada festa é um acontecimento particular ligado a algum fato, louvor a um padroeiro, ou comemorações importantes, como, por exemplo, a Páscoa ou o Natal.

As festas, em todas as suas formas, têm o poder de aproximar as pessoas, de oferecer momentos de descontração ou ser forma de expressar gratidão e fé. A próxima fase deste trabalho contemplará a apropriação das festas religiosas pelo turismo e como estas manifestações de fé podem atrair turistas dos mais diferentes lugares em busca de experiências culturais.

## 2.5 USOS DAS FESTIVIDADES RELIGIOSAS PELO TURISMO

O turismo é uma atividade que explora sobretudo atrativos culturais e naturais. Dentre os temas utilizados pelo turismo cultural estão as festas religiosas, que são manifestações que podem ser grande fonte de experiências turísticas.

As festas religiosas representam manifestações de fé e contato social, em especial nas pequenas comunidades, e, quando apropriadas pelo turismo, deixam

de ser uma representação apenas do público local, passando a ser um evento destinado também aos turistas. Estas transformações ocasionadas pela comercialização turística de uma festa local geram inúmeras discussões no meio turístico; dentre elas, há afirmações positivas e negativas.

As festas são classificadas como Patrimônios Culturais Imateriais que, segundo o IPHAM (INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL),

dizem respeito àquelas práticas e domínios da vida social que se manifestam em saberes, ofícios e modos de fazer; celebrações; formas de expressão cênicas, plásticas, musicais ou lúdicas; e nos lugares (como mercados, feiras e santuários que abrigam práticas culturais coletivas) (IPHAN, 2006).

São manifestações que não se pode pegar com as mãos, mas podem ser sentidas e vivenciadas, proporcionam sentimentos de satisfação, expressam o desejo de um grupo de estar em contato com outros indivíduos (CAVENAGHI; BUENO; CORRÊA, 2012).

O fato de o turismo tornar como atração o patrimônio de forma geral é interpretado por alguns estudiosos como um fator negativo, de destruição.

O avanço de possibilidades técnicas, da diversidade de materiais disponíveis ampliaram os recursos plásticos e cênicos, dinamizando o poder de sedução e de encantamento e, de certa forma, modificando o formato de tais manifestações, o que leva a críticas, principalmente pela transformação da tradição em bem de consumo (CAVENAGHI; BUENO; CORRÊA, 2012, p. 592).

Neste sentido, observa-se que a atividade turística incorre em mudanças culturais de uma comunidade, as manifestações festivas que sua maioria possuem aspectos singulares, e despertaram nas pessoas um grande interesse em conhecer e vivenciar esta tradição. Barretto (2000, p.48) coloca que o “[...] legado cultural transformado em produto para o consumo perde seu significado. A cultura deixa de ser importante por si mesma e passa a ser importante por suas implicações econômicas”. A autora discorre sobre o fato de que a cultura deixa de ser importante socialmente para a comunidade e passa a ser algo com maior importância econômica, apontando este como um fator negativo.

Outro ponto a ser levantado seria em relação aos rituais religiosos, presentes na maioria das festas. Ferretti (2006) afirma que a presença de turistas

em alguns rituais e festas traria problemas “[...] principalmente porque os turistas geralmente participam dos rituais sem o conhecimento das normas que os regem e sem o sentimento devoto dos que comungam das crenças” (FERRETTI, 2006 *apud* CAVENAGHI; BUENO; CORRÊA 2012, p. 593). Não haveria respeito por parte dos turistas, pois estes, em sua maioria, não entenderiam o sentido religioso presente em cada rito.

Por outro lado o avanço da atividade turística sobre esses bens culturais pode representar a recuperação de uma identidade local, que deve ser preservada não só pelo apelo turístico, mas por contar a história de um povo. Barretto (2000) escreve sobre os benefícios da atividade turística para a preservação de bens materiais e culturais, que tem se mostrado um fator positivo.

A revitalização de bairros inteiros para o consumo cultural e turístico, sobretudo em áreas centrais ou portuárias de cidades, também tem sido uma forma de permitir a conservação das construções históricas neles existentes. A reutilização de velhos prédios e mesmo armazéns com finalidade cultural ou recreativa, para o lazer da população local ou dos turistas, e a aquisição desses espaços para moradia, por intelectuais ou pessoas que procuram um contato com o passado, levam a uma valorização do local, como pode ser verificado nos inúmeros exemplos de bairros revitalizados, recuperados ou “gentrificados” em várias partes do mundo (BARRETTO, 2000, p. 34)

No que se refere aos bens imateriais, como as festas, Cavenaghi et al. (2012) afirmam que estas tendem a perder seu valor diante da comunidade devido aos apelos da vida contemporânea, mas o turismo oferece um novo estímulo à realização das festas, pois dá visibilidade a estas manifestações, o que possivelmente desperta interesse em cada vez mais preservar suas tradições. “As cidades ganham brilho, ganham vida, e a maioria de seus habitantes se enchem de orgulho quando a sua festa é sucesso” (CAVENAGHI; BUENO; CORRÊA, 2012, p. 592). Então os turistas contribuem para que estas festas revivam e se tornem cada vez mais fortes e importantes para a comunidade.

Diante do que foi exposto, observa-se que, tanto para bens culturais materiais e imateriais, a atividade turística mostra-se importante na revitalização e na preservação desses bens. Como explica Beni (2001, p. 88), “[...] muitos bens culturais foram assim salvos da destruição, e isso devido muito mais ao turismo do que o valor que lhes era atribuído pela população local”. Ainda que haja muitas

discordâncias em relação ao uso turístico da cultura e seus patrimônios, estudá-los e entendê-los é fundamental para conciliar a atividade com o uso desses bens.

Ainda que as festas em pequenas comunidades tenham pouca visibilidade no cenário turístico, é válido planejar e estudar estas manifestações para a manutenção destas culturas.

Estas festas podem ser atrativos culturais que proporcionam aos turistas que buscam por experiências culturais e religiosas um contato direto com esses elementos. Estas podem facilitar o convívio entre as mais diferentes sociedades e revitalizam a identidade local.

Para que estas manifestações proporcionem todos os benefícios aos visitantes e visitados, faz-se necessário um planejamento cuidadoso dos atrativos, tendo em vista que se trata da exploração e exposição de manifestações de fé e de rituais cultivados por vários anos.

### 3. A IMIGRAÇÃO UCRANIANA

Esta parte do trabalho tem por objetivo contar a história da imigração ucraniana no Paraná – mais precisamente na cidade de Mallet (PR) – pelos relatos de autores que estudaram o processo da colonização, imigração, da vida, da religiosidade e da cultura dos ucranianos. Também objetiva-se destacar a história e os detalhes da festa religiosa *Hailka*, a festa escolhida para ser objeto deste estudo.

#### 3.1 COLONIZAÇÃO UCRANIANA NO PARANÁ

O Paraná é um estado de diferentes povos, devido ao grande fluxo de imigrantes que chegaram ao estado, semelhante ao resto do Brasil. Cada região possui uma etnia que marca ou ganha destaque.

Devido à necessidade de ocupar o espaço desabitado no território e principalmente à falta de mão de obra, a política brasileira impulsionou os incentivos e propaganda na Europa de um país com oportunidade, fortuna e sossego, em um período em que os europeus sofriam com conflitos (PRIORI et al, 2012). Quando os primeiros imigrantes chegaram, o governo tinha como objetivo o aumento da produção agrícola.

Neste Estado, o objetivo primordial era fomentar o cultivo da agricultura de subsistência para manter abastecidos os centros urbanos que já passavam por raleamento de produtos agrícolas. Para tornar possível essa circulação das novas forças de trabalho, as estratégias estatais deveriam, em primeiro lugar, criar condições propícias a fim de que o território a ser ocupado se tornasse uma 'área de atração' aos imigrantes (PRIORI et al, 2012, p. 36).

Os primeiros imigrantes estrangeiros que chegaram ao Paraná, logo após a emancipação, eram imigrantes açorianos e alemães, que se abrigaram nas colônias ao redor de Curitiba, espera que esses imigrantes fossem colonos lavradores e trabalhassem com a agricultura (GUÉRIOS, 2012).

No ano de 1860, foi criada a colônia de Assungui, a 60 km da capital, para assentar os colonos franceses, alemães e ingleses que, no ano de 1870, já somavam 900 pessoas. Posteriormente foi criada uma nova colônia, a de Pinhalzinho, lugar que recebeu as famílias polonesas vindas de Santa Catarina. (GUÉRIOS, 2012).

Com o passar dos anos, o número de colônias se tornou maior e, entre os anos de 1875 e 1876, já moravam no estado 3.616 estrangeiros ao redor de Curitiba. Deste modo, quando os primeiros imigrantes ucranianos chegaram ao Paraná, todas as colônias próximas à capital já estavam povoadas por várias etnias (GUÉRIOS, 2012).

A migração dos primeiros ucranianos ao Paraná iniciou-se após a corrente de imigração iniciada pelo Brasil nos países eslavos. Guérios (2012) narra que a ideia da mudança aos países da América foi implantada por agentes, pessoas que trabalhavam nas companhias de navegação, que transportavam colonos para a América.

A ação desses indivíduos foi extremamente importante para o aumento do número de camponeses que finalmente decidiram migrar. Sua tarefa era aliciar o maior número possível de clientes para o transporte, visto que o ganho das companhias estava atrelado ao número de pessoas conduzidas até o Brasil. Para tanto, eles difundiam ideias favoráveis à vida na América, tentando criar entre os camponeses a visão das terras além-mar como um lugar ideal e, em alguns casos, levando esse recurso ao limite (GUÉRIOS, 2012, p. 35).

Criava-se duas visões da partida para a América entre os camponeses: uma era o ideal de vida melhor, a outra era a incerteza de partir para um lugar distante onde poderiam conviver com a fome e sob a ordem de novos senhores, mas mesmo diante das dúvidas algumas famílias partiram para o Brasil e Canadá (GUÉRIOS, 2012).

Foi uma difícil travessia que durou mais ou menos três semanas. O bilhete gratuito para o Brasil tinha acabado em 1891. O preço das passagens era 75 mil réis para adultos e crianças de mais de 12 anos, metade desse valor para crianças de 8 a 12 e um quarto para as menores. Eu tinha economizado dinheiro suficiente para nós quatro e ainda tinha algumas centenas para nos ajudar na chegada (MORSKI, 1914 *apud* GUÉRIOS, 2012, p. 42).

Ao chegarem ao Paraná, os imigrantes ucranianos, oriundos principalmente da Galícia, já estavam de frente com o caos instalado em terras onde já viviam diferentes grupos étnicos com constante perda de identidade cultural (BORUSZENKO, 1969).

Segundo Guérios (2012), os primeiros registros da chegada de imigração de ucranianos ao Paraná datam do ano de 1870. Eles teriam vindo junto com os



primeiros imigrantes eslavos, procedentes, em sua maioria, da região conhecida como Reino da Polônia, pois, nos relatórios de Lamenha Lins,<sup>1</sup> de 1876, havia referências a polacos galicianos, oriundos da Galícia Ocidental<sup>2</sup>, região mais a oeste da Província da Galícia no Império Austro-Húngaro.

O número de imigrantes ucranianos só passou a ser maior a partir de 1890 (GUÉRIOS, 2012). Esses imigrantes acreditavam em uma vida melhor longe das perseguições e da miséria que acabava com a Galícia. As pessoas que emigravam deixavam sua terra natal em busca de melhores condições de vida “com a ideia de que em algum lugar poderia haver terras livres” (GUÉRIOS, 2012 p. 37).

Encontra-se descendentes de ucranianos em quase toda a América e Austrália; no “Ocidente, são calculados em mais de 2 milhões e, destes, cerca de 150 mil vivem no Brasil, sendo cerca de 120 mil no Paraná” (BORUSZENKO, 1969, p. 427).

Boruszenko (1969, p.428) ainda relata que a imigração para o Paraná pode ser dividida em três etapas.

A primeira data dos fins do século XIX, quando milhares de ucranianos, sobretudo lavradores da Galícia e Bukovina que, desde o Congresso de Viena, estavam sob o domínio da Áustria, em consequência da superpopulação agrária e débil industrialização, e ainda as más condições socioeconômicas, abandonaram as terras negras e transferiram-se para outros países, entre os quais o Brasil e, particularmente, o Estado do Paraná.

A segunda etapa da imigração ucraniana efetuou-se após a Primeira Guerra Mundial. Os motivos, desta vez, foram sobretudo políticos. Isto porque a Ucrânia não ficou alheia aos movimentos liberais do século XIX, que caracterizaram a Europa. O movimento nacional ucraniano continuou a desenvolver-se até o início da Primeira Guerra Mundial. [...] O maior êxodo dos ucranianos, deu-se, porém, após a Segunda Guerra Mundial, êxodo este no qual se inclui a terceira etapa da imigração ucraniana para o Paraná. Eram mais de 200 mil, entre operários, prisioneiros de guerra, refugiados políticos, soldados da primeira divisão ucraniana e de outras formações militares, que lutaram ao lado dos alemães contra os russos. Quanto aos operários, estes haviam sido trazidos de várias províncias da Ucrânia, pela administração alemã, para trabalharem na Alemanha durante a guerra.

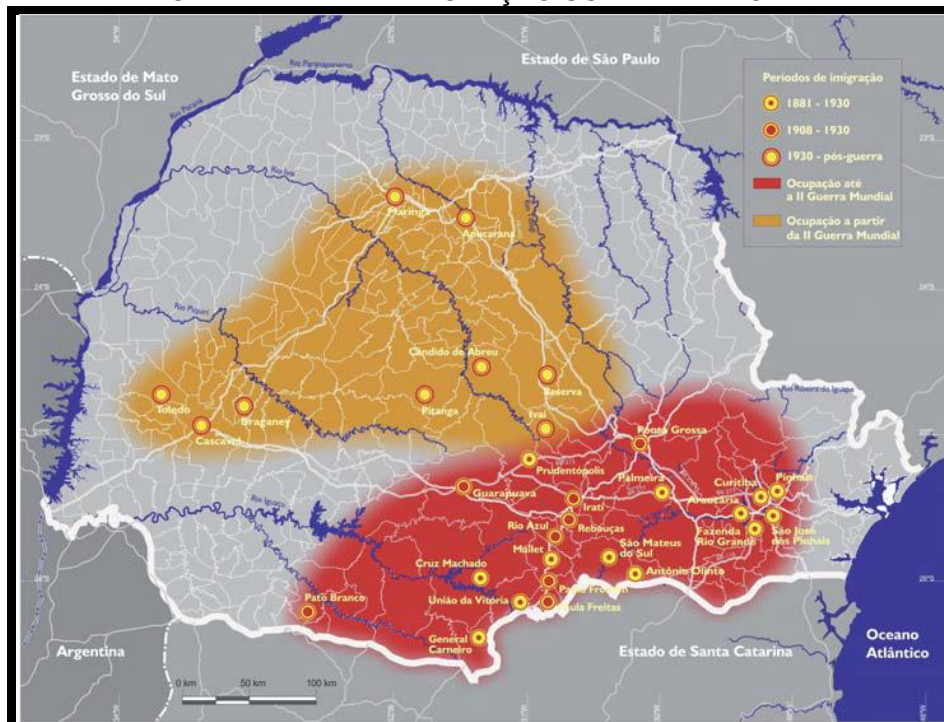
Em terras paranaenses, inicialmente, os ucranianos foram distribuídos nas colônias de União da Vitória, Palmas, Cruz Machado, Paulo Frontin, Mallet, Rio Azul, Irati, Prudentópolis, Ponta Grossa, Ipiranga, Guarapuava e Reserva, também em

<sup>1</sup>Nos anos de 1875-1877, o Presidente da Província do Paraná, Adolpho Lamenha Lins, permitiu a formação de várias colônias. (PRIORILET al, 2012, p.38)

<sup>2</sup> [...] região mais a oeste da Província da Galícia no Império Austro Húngaro, [...] (GUÉRIOS, 2012, p. 108).

Antônio Olinto, Marcelina e Guajuvira nas proximidades de Curitiba e Wenceslau Brás. Na figura pode-se observar a colonização ucraniana no Paraná.

IMAGEM 2 - MAPA DA IMIGRAÇÃO UCRANIANA NO PARANÁ.



Fonte: (BATISTA; CORRÊA; IMAGUIRE, 2009, p. 39 *apud* CARVALHO; BATISTA; BARROS, 2011, p. 65.)

Estimava-se que cerca de 24 mil ucranianos haviam chegado ao Paraná no início do século XX, sem contar as pessoas que haviam morrido vítimas de alguma epidemia, durante ou após a chegada no Brasil. (BORUSZENKO, 1969)

Alguns deles foram para o fundo do mar, não chegando ao Brasil; outros os índios selvagens da floresta assassinaram; milhares chegaram à verdadeira escravidão nas sedes das fazendas dos ricos sem Deus, outros milhares morreram de fome e de doenças nas florestas brasileiras, alguns fugiram de volta para a velha terra, apenas parte conseguiu pedaços de mato sob os arbustos e os beneficiam devagar para um melhor destino. (JOVKIUSKEI 1897, *apud* GUÉRIOS, 2012, p. 36)

Esses imigrantes, como relata Guérios (2012), foram distribuído em colônias ao redor de Curitiba, depois direcionados a áreas de florestas mais densas com difícil acesso no interior do estado:

Essa estrada, que saía pelo meio da floresta densa, parecia um túnel, que saía por baixo da terra. Sol essa estrada quase não via. Por toda a parte tinha lama e poças, que tornavam impossível caminhar. Era difícil avançar com as carroças, e para nós, que íamos a pé, ainda mais difícil. Nos pés tínhamos botas, e nas botas ficava pendurada tanta lama, que nos pés

pendurava-se um peso como de 4 ou 5 quilos. Nós pensávamos que não tinha fim essa estrada e essa floresta, de tanto que estávamos cansados. (KOBREN, 1935 *apud* GUÉRIOS, 2012 p. 117)

Na estrada, as dificuldades eram muitas, o estado era coberto por mata fechada e as poucas estradas existentes tinham muita lama. Após a chegada nas colônias, os imigrantes descobriam que a situação não era diferente da encontrada pelo caminho. Assim como descreve Kobren (1935 *apud* GUÉRIOS, 2012), dormiam em casa feitas com ramos de árvores e cozinhavam em fogueiras com lenha colhida durante o dia, viveram dessa forma por um grande tempo, até a medição e distribuição dos lotes, esse processo levava vários meses até que pudessem então iniciar o plantio.

Os colonos viviam e cultivavam sua terra de forma miserável, e ainda tinham que lidar com o constante ataque de índios, pois na época havia um número grande de indígenas pela região, eles atacavam as casas, agrediam e matavam homens, mulheres e crianças (GUÉRIOS, 2012).

Todas estas dificuldades não faziam parte dos planos das pessoas que deixaram a Galícia e arredores em busca de uma nova pátria fascinante e maravilhosa. Muitos tentavam a qualquer custo voltar para sua terra natal, mas não havia dinheiro para fazer isso.

Eles diziam que viveríamos em colônias com casas e suprimentos, mas isso aqui é nada mais que uma fronteira selvagem, sem proteção. Há um novo Governo no Brasil e ele quer colonizar essas áreas de fronteira. (...) Oh Deus, como poderemos escapar desse inferno e retornar para nossa amada Galícia? Não será fácil. O Brasil é circundado pelo mar e a viagem custa caro (colono de Rio Claro, MORSKI, 2000, p. 61 *apud* GUÉRIOS, 2012, p. 128).

Quando se constatava que isso não era possível, os colonos aceitavam a situação e buscavam trabalho em lugares distantes, vendiam e trocavam tudo que tinham para conseguir um pouco de comida; outros acabavam por cometer crimes e até mesmo deixar suas famílias (GUÉRIOS, 2012). Mesmo diante de tanto sofrimento, os imigrantes tiravam forças para buscar viver melhor no Brasil e a maior parte dessa força estava fundada na fé, na religiosidade e nas tradições transportadas da Galícia.

A chegada dos imigrantes ucranianos e de outras etnias marca a história do Paraná. Em virtude disso, é possível encontrar diferentes formações culturais no

estado, as quais os imigrantes preservaram através dos anos hábitos comuns do dia a dia, as artes, a linguagens e os rituais religiosos.

Após a decepção da chegada, descobriram que era muito difícil retornar sua origem, pois, em sua maioria, os imigrantes não tinham mais dinheiro para voltar. Desta forma, fixaram-se em terras sediadas ou vendidas pelo governo e, de algum jeito, tiveram de se acostumar ao novo mundo.

No intuito de povoar a região das margens do rio Iguaçu, os imigrantes poloneses e ucranianos foram levados para região onde hoje está localizado o distrito de Rio Claro e foi dado o início da colonização da região sul do Paraná.

### 3.2A COLONIZAÇÃO DE MALLET

A ocupação do vale do Iguaçu teve início em 1768, e, no ano de 1884, iniciava-se a ocupação das terras onde hoje está localizado o município de Mallet por um grupo que partiu de Campo Largo para iniciar o trabalho de medição dos núcleos coloniais.

Nos anos de 1875-1877, o Presidente da Província do Paraná, Adolpho Lamenha Lins, permitiu a formação de várias colônias. Sua intenção era que os imigrantes pudessem adquirir em condições facilitadas bons lotes de terras; para isso induziu a construção de meios físicos, como estradas e pontes, para permitir o melhor escoamento da produção, evitando o isolamento socioeconômico do imigrante (PRIORI et al., 2012, p. 38).

Em 1891, foi fundada a primeira colônia na região, a Colônia de Rio Claro, constituída por 1.371 lotes, dos quais 79 formavam a sede, ligada a outra sede, a de Barra Feia, distante 13 quilômetros (HORBATIUK, 1989).

Em 1890, chega à Colônia de Rio Claro a primeira leva de imigrantes europeus, originários da Polônia, e, um ano mais tarde, chega a primeira leva de imigrantes ucranianos, aproximadamente três mil. A colônia já estava dividida em lotes que foram vendidos aos imigrantes para serem pagos a prazo (MALLET, 2014).

Os primeiros imigrantes ucranianos, por serem em número reduzido, procuraram formar uma vida social com quem pudesse comunicar-se. Por isso, no início da imigração em Mallet, conviveram com os poloneses, que haviam chegado anteriormente, deixando de cultivar sua própria cultura.

Mas, ao chegarem os grupos mais numerosos e alguns padres, desenvolveu-se o conhecimento da cultura nacional ucraniana e, conseqüentemente o abandono das obrigações com outros imigrantes e cultivo de sua cultura (HORBATIUK, 1983, p.123).

O princípio da vida em terras malletenses era difícil, pois os ucranianos até conseguiam plantar em suas terras, mas não tinham para quem vender sua colheita. Às vezes, vendiam feijão e milho para poloneses para ter um pouco de sal e querosene. Viviam com a esperança da chegada da estrada de ferro para vender e transportar a produção e, assim, alcançar o desenvolvimento (CARVALHO; BATISTA; BARROS, 2011).

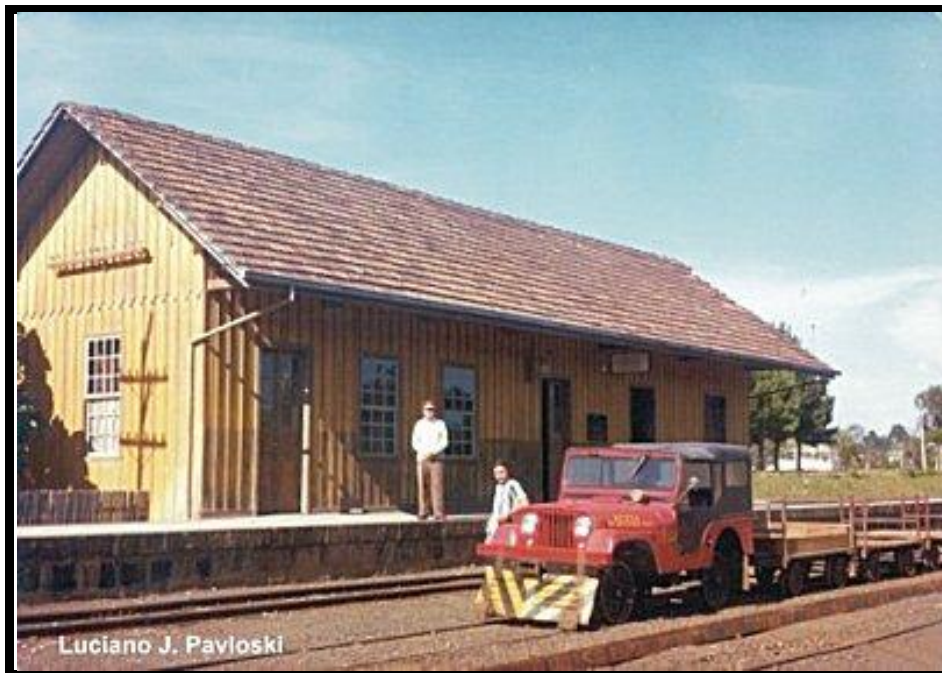
Em 1903, os trilhos da estrada de ferro da RFFSA foram construídos a vinte quilômetros ao sudoeste da Vila de Rio Claro do Sul, ligando o Rio Grande do Sul a São Paulo. Já em seguida, foi construída uma estação ferroviária com o nome de "Estação Ferroviária Marechal Mallet" (MALLET, 2014).

A estação leva esse nome em homenagem a Marechal João Nepomuceno de Medeiros Mallet, membro de uma tradicional família de militares brasileira. Assim, nas proximidades da estação forma-se um novo povoado, denominado São Pedro, onde hoje encontra-se a cidade de Mallet (HORBATIUK, 1989).

A colônia atingiu certo grau de desenvolvimento e, em 15 de abril de 1912, pela Lei nº 1.189, foi criado o Município de São Pedro de Mallet, instalado oficialmente dia 21 de setembro do mesmo ano, na residência do cidadão Adão Sobocinski, com a posse do primeiro prefeito, o senhor José Pompeo. A partir da criação do Município de São Pedro de Mallet, o mesmo foi desmembrado do Município de São Mateus, passando a pertencer à Comarca de União da Vitória. A Vila de São Pedro de Mallet, sede do município, foi incorporada com mais os núcleos de Rio Claro, Vera Guarani e Dorizon (MALLET, 2014).

Dessa forma, constitui-se o município de Mallet, hoje composto por aproximadamente 13.745 habitantes, segundo o IBGE (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA ESTATÍSTICA, 2013), de várias etnias, mas ainda é predominante a ucraniana e a polonesa, que conservam vivos muitos traços da imigração do fim do século XIX em suas construções, na gastronomia, nas manifestações culturais e religiosas. Na figura abaixo a foto da estação ferroviária de Mallet.

IMAGEM 3 - ESTAÇÃO FERROVIÁRIA DE MALLET



FONTE: Acervo Luciano J. Povloski s/d

A economia de Mallet é baseada em agricultura, indústria e serviços, sendo o último o que mais contribui para a renda do município, de acordo com o IBGE (2013). Na agricultura, destaca-se a produção de frutas, inclusive a do Kiwi, fruta símbolo do município, que ganhou uma festa em sua homenagem no ano de 1992, sendo este um dos maiores eventos do município.

No que se refere à cultura e religiosidade, principalmente da etnia ucraniana, será abordada a seguir a formação e a influência da religião no processo de imigração e de fixação em Mallet.

### 3.3 RELIGIOSIDADE UCRANIANA

Uma das características mais marcantes do povo ucraniano, no Brasil, é a religiosidade, talvez seja esse o motivo de terem suportado todo o sofrimento, vivido por muitos anos desde que chegaram ao Brasil.

Uma das características principais do povo ucraniano, além de certas virtudes inatas, como, por exemplo, a lealdade, o amor à terra e ao trabalho, é a religiosidade – um sentimento profundamente arraigado, que o prende à sua religião tradicional. Seu majestoso rito oriental, tão benquisto pela Igreja Católica como o rito latino, foi transplantado pelos fieis em toda a parte para

onde imigraram e foi conservado intacto, com todas as suas pompas e particularidades, vivo em cada um dos seus ofícios litúrgicos (BURKO, 1963, p. 59).

Boruszenko (1969) explica que, em sua maioria, os imigrantes ucranianos são católicos do rito oriental e uma pequena parte é ortodoxa. O rito oriental segue a liturgia bizantina<sup>3</sup>.

A diferença entre as Igrejas Católicas Ucranianas e as Ortodoxas se dá principalmente desta forma:

Na primeira, o Papa é a autoridade maior; já na segunda existe um Concílio Ecumênico. A Igreja Ortodoxa não apresenta o pontífice como figura central, mas, sim, são autocéfalas e “chefiadas por patriarcas. (...) Ainda há as igrejas autônomas, que são dependentes, até certa medida, de uma ‘igreja-mãe’ autocéfala. Situam-se atualmente na Tcheco-Eslováquia, Sinai, Creta, Finlândia, Japão e Ucrânia e são lideradas por arcebispos ou metropolitãs” (BATISTA; CORRÊA; IMAGUIRE, 2009, p. 51 *apud* CARVALHO; BATISTA; BARROS, 2011, p. 27).

A organização da vida religiosa dos ucranianos no Brasil só teve início em 1896 com a chegada de missionários, como o Pe. Iwan Wolianskyj, o qual não permaneceu por muito tempo e voltou para a Ucrânia. Depois de muitos pedidos dos imigrantes, em junho de 1897, chega ao Paraná o Pe. Silvestre Kizyma, a quem se deve a construção das primeiras capelas e organização das primeiras paróquias no país. Posteriormente, após a visita do Bispo D. José Camargo, primeiro bispo de Curitiba, em 1898, surgem as paróquias de Prudentópolis, Ivaí, Curitiba, Iracema, Marechal Mallet, Dorizon e Antônio Olinto (BORUSZENKO, 1969).

Na Galícia, tanto ucranianos quanto poloneses eram católicos. No entanto, os ucranianos seguiam a liturgia e o calendário do rito grego e os poloneses, o rito latino. Em território paranaense essa diferenciação também ocorreu, pois sendo a religiosidade um dos aspectos que caracteriza o povo ucraniano, por aqui não deixou de ser professada. (CARVALHO; BATISTA; BARROS, 2011, p. 27).

De fato, a religiosidade do povo ucraniano se mostra presente em todas as fases da vida e dita regras que devem ser seguidas e ensinadas. A chegada dos

---

<sup>3</sup> A liturgia bizantina, da qual a ucraniana é um ramo, tem origem na de Jerusalém, de São Tiago, reformada por São Basílio Magno e abreviada por São João Crisóstomo, no século IV. Foi logo aprovada pela Igreja, sendo seguida até hoje por grande número de cristãos do Oriente e pelos fiéis do rito ucraniano, o qual é celebrado na língua ucraniana. (BORUSZENKO, 1969, p. 43)

padres trouxe aos imigrantes o conforto espiritual e a certeza de que a fé lhe traria dias melhores.

Desta forma, desde a chegada em Rio Claro, os ucranianos se preocuparam com a religiosidade e com a presença de líderes religiosos. A primeira missa realizada em Mallet foi em 1896 pelo Padre Nicon Rosdolskey na igreja Divino Espírito Santo, na Colônia 5. A primeira igreja ucraniana do Brasil, construída em 55 dias e considerada uma construção única, nela os imigrantes mantinham suas raízes e sua cultura (CARVALHO; BATISTA; BARROS, 2011). Hoje, a igreja não existe mais, foi demolida, pois já estava muito fragilizada e deu lugar a uma nova igreja de alvenaria. Abaixo a imagem da primeira igreja ucraniana de Mallet, em seguida a nova igreja construída em alvenaria.

IMAGEM 4 - PRIMEIRA IGREJA UCRANIANA NA COLÔNIA 5, EM MALLET.



FONTE: Acervo Dom Efraim Krevei (CARVALHO; BATISTA; BARROS, 2011, p. 65)



IMAGEM 5 - NOVA IGREJA DA COLÔNIA 5, EM MALLET.



FONTE: KALENA A ARTE DO SUL TRAZIDA DA EUROPA. Acervo de Giovanna Ivasko,

2009

No ano de 1897, Padre Nicon<sup>4</sup> escolhe o lugar mais alto da região para construir uma nova igreja, a Igreja de São Miguel Arcanjo, a qual foi concluída em 1903 (CARVALHO; BATISTA; BARROS, 2011). Esta é a igreja do rito ucraniano mais antiga do Brasil.

Pe.Nicon foi um grande batalhador.Sabia lidar com o povo e o povo o obedecia sempre, porque ele mesmo dava bom exemplo. Ensinava às crianças o catecismo, o canto litúrgico e canções populares. Infelizmente, após anos de duras lutas e sacrifícios, foi acometido de grave doença e entregou a sua alma a Deus em novembro de 1906, e seu corpo repousa no cemitério que fica junto à igreja da Serra do Tigre (EPARQUIA UCRANIANA [s.d], s/p).

---

<sup>4</sup>Padre Nicon nasceu na Ucrânia em 1866 e foi ordenado em 1895, veio para o Brasil e se dirigiu a Prudentópolis e, depois, à Colônia de Rio Claro. Ele se instalou na casa de Teodoro Potoskei. Em agosto de 1897, abre a primeira escola ucraniana do Brasil com 40 alunos. (EPARQUIA UCRANIANA [s.d])

IMAGEM 6 - FOTO ANTIGA DA IGREJA DE SÃO MIGUEL ARCANJO



FONTE: Acervo Bogomila Lachman, s/d (CARVALHO; BATISTA; BARROS, 2011, p. 47)

As igrejas católicas ucranianas seguem a liturgia oriental e o calendário litúrgico<sup>5</sup> que rege a normas de condutas individuais e sociais é organizado de acordo com a estrutura de sociedade agrária, onde a Páscoa, Corpus Christi, dia da Padroeira e o Natal são festividades oficiais, guardados por três dias (CARVALHO; BATISTA; BARROS, 2011).

A atual Igreja Católica Ucraniana, que deriva deste processo, funciona então como um misto da Igreja Ortodoxa com a Igreja Católica. Submetida há quatro séculos às determinações dos concílios da Igreja Católica, opera contudo, em todos os seus ritos e mesmo na arquitetura de suas Igrejas, como uma Igreja Ortodoxa. O padre reza ainda a missa de costas para os fiéis, por trás das portas do Iconostás (parede de ícones que separa a parte dos fiéis da parte mais sagrada da igreja), e o rito é em sua maior parte cantado ou em recitativos. Até o Concílio Vaticano II, em 1965, o rito era rezado em língua eslavônica antiga – uma língua arcaica que não é mais falada ou compreendida pela população. Hoje, ele foi traduzido para o ucraniano. (GUÉRIOS, 2010, p. 3)

A presença da fé e religiosidade é visível nos brasileiros descendentes de ucranianos que vivem em Mallet. Há vários rituais religiosos cultivados e praticados até hoje, como: os rituais de casamento que almejam prosperidade aos noivos, os

<sup>5</sup> O calendário litúrgico é o calendário cristão que define os momentos de reflexão e comemoração da igreja católica lembrando a trajetória da vida de Cristo. ( ADAM, 1983)

rituais de Páscoa, principalmente a pintura em ovos, e a bênção das cestas. Também as festas e comemorações, apesar de adaptados através dos anos, ainda têm o mesmo significado e a mesma importância para estes descendentes. A religião é muito importante para este povo e passou a ser centro de preservação e transmissão da cultura ucraniana.

### 3.3. 1 Páscoa Ucraniana

Os rituais da Páscoa têm grande importância para o povo católico ucraniano, pois “[...] constitui-se a mais importante festividade religiosa por meio do qual são rememorados, recriados e preservadas as identidades dessa cultura no Brasil” (TENCHENA, 2010, p. 113). A festa *Hailka* faz parte dos muitos rituais das comemorações desta data preservados pelos imigrantes ucranianos.

Na Ucrânia pagã, a Páscoa coincidia com o fim do inverno e as pessoas e cantavam canções para comemorar a primavera e faziam rituais simbólicos para o funeral do inverno (NAVROSKI, 1997 *apud* TENCHENA, 2010, p. 103). Com o passar dos anos e a inserção do cristianismo, rituais da Páscoa receberam significados cristãos, assim, a Páscoa ucraniana cristã significa a ressurreição de Cristo e representa a felicidade da lembrança dos antepassados falecidos, representada nos rituais fúnebres<sup>6</sup> (TENCHENA, 2010, p. 103).

Este momento para os ucranianos é cheio de significados, desde o início da Semana Santa em que as pessoas fazem jejum de carnes, ovos e leite até a Sexta-Feira Santa, que é um dia de resguardo que não se pode falar alto ou palavras indecentes. “Ninguém, exceto as crianças, podia comer até voltar da igreja, não se preparava almoço, apenas um leve lanche e todo o trabalho era proibido” (TENCHENA, 2010, p. 104).

E no sábado de aleluia as pessoas começam a preparação dos alimentos para a bênção e servidos no domingo de café da manhã. São levados para bênção: a Paska – uma espécie de pão –, o ovo, o leite, a linguiça, o sal, o hrin – uma raiz

---

<sup>6</sup> “Costuma-se visitar os cemitérios uma semana depois da Ressurreição, até a Assunção de Cristo, que dura quarenta dias, eles vão levar aos falecidos a mensagem de Ressurreição”. (ZALUSKI, s/d, s/p)

amarga –, entre outros. E, depois da missa, inicia-se a troca de pêssankas (TENCHENA, 2010).

As pêssankas são ovos coloridos, de grande valor simbólico.

[...] palavra ucraniana Pêssanka ou Pyssanky (transliteração do alfabeto cirílico), é originada do verbo ucraniano pessaty, que significa escrever. A arte de colorir ovos ficou assim denominada pelo fato de as pessoas desejarem expressar algo por meio dos desenhos, das formas e cores. As pêssankas são feitas na última semana da quaresma, outono no Brasil, correspondendo ao final do rigoroso inverno na Ucrânia, quando o povo se prepara para a chegada da Páscoa e também da primavera. (TENCHENA, 2010, p. 106)

Os ovos eram pintados por mulheres mais velhas numa espécie de ritual em que a mulher, na mão direita, tinha um osso pontiagudo umedecido em cera quente e, com o rosto voltado para o sol, rezava e girava o ovo sobre uma chama; assim, os desenhos apareciam e, durante o ritual, a mulher falava para a pessoa sobre as coisas boas e ruins que iriam acontecer (NAVROSKI, 1997 *apud* TENCHENA, 2010). Em seguida a imagem do trabalho em pêssankas.

IMAGEM 7 - PÊSSANKAS



FONTE: IPLAY, s/d

Hoje os ovos não seguem nenhum ritual para a sua fabricação, mas possuem muito significado; cada desenho, cada linha diz alguma coisa boa – são considerados como amuletos de sorte.

Porém, nos dias atuais, tal prática de preparar ou fazer a pêsanka não é mais exclusividade das mulheres mais velhas. Crianças, jovens e adultos, tanto homens quanto mulheres, praticam tal arte. Estes, ao prepararem a pêsanka, devem sempre estar sintonizados com aquilo que desejam expressar em seu trabalho. Eles irão colocar sempre bons sentimentos em seus desenhos, buscando harmonia de formas e cores para que se mantenha a tradição dessa arte (TENCHENA, 2010, p. 107).

As pêsankas são objetos com muito simbolismo; é na casca do ovo que as pessoas representam sua cultura, sua história, ritos, crenças e esperança.

Entre os vários rituais da Páscoa ucraniana, a festa *Hailka* da Serra do Tigre é uma comemoração importante no calendário festivo do município Mallet. Esta comemoração é muito antiga, é sustentada pelas pessoas como um ritual de preservação da religião e da tradição ucraniana.

#### 4. A FESTA *HAILKA*

As festas são momentos de comemoração e integração da comunidade e dos participantes; são dias dedicados ao lazer e a descontração, diferentes das atividades do dia a dia.

Algumas são marcadas por serem grandes eventos de muita tradição até mesmo para um país que atrai um grande contingente de pessoas. Outras podem ser de pequeno porte para agradar e preservar a cultura de uma comunidade, e nestas pode-se identificar vários elementos de um costume. Para muitos turistas, as festas têm significados de lazer, no entanto, para a comunidade da ucraniana, trata-se de um ritual de valor sentimental e histórico.

As festas religiosas ucranianas de Mallet acontecem durante todos os anos, em todas as comunidades, e são lembradas pelo encontro de vizinhos e amigos em um momento de celebração e alegria.

O levantamento das festas religiosas ucranianas foi realizado por meio de um inventário (APÊNDICE 2), o qual demonstrou que são realizadas 10 festas, com variações anuais, ou seja, há anos que este número pode ser maior ou menor; são elas festas dos padroeiros de cada igreja e comemorações específicas, como a *Hailka*.

Em relação aos levantamentos obtidos para este estudo, observou-se que o público, em todas as festas, é, em sua maioria, pessoas da comunidade e do município de Mallet. A organização fica a cargo de uma comissão formada por membros da comunidade onde é realizada a festa. A respeito da alimentação, em todas as festas é servido ao menos um prato típico da gastronomia ucraniana, acompanhado de churrasco, arroz, maionese e saladas, comuns a todas elas. Sobre as manifestações de fé, em todos os eventos inventariados há a celebração da missa.

Quanto às manifestações culturais, danças e músicas ucranianas, constatou-se que acontecem sempre nas festas *Hailka* e *Ivana Kupala*, sendo que nas outras acontecem apenas em ocasiões especiais. Desta forma, por concentrar um maior apelo cultural e envolver a comunidade, a festa *Hailka*, foi escolhida para objeto deste estudo.

Segundo Ivan<sup>7</sup>, a festa tem origem na era pagã pré-cristã na Ucrânia, quando os povos que viviam na região da Galícia cultuavam deuses ligados à terra, sol, fogo, água, entre outros. Depois da introdução do Cristianismo, a população e também a igreja católica, para não perder suas tradições, designou a estas festas e cultos novos significados.

Segundo Burko (1963), foi São Valdomiro, o Grande, que introduziu a religião cristã em Kiev e a espalhou por todo o território, sendo que, na região da Galícia, apesar das muitas perseguições que o catolicismo sofreu os anos de 1772 a 1872, a religião se fortaleceu e muitas festas ganharam significados do catolicismo. “Na época pré-cristã, era a noite precursora do Grande Dia do Sol. Em cada casa, deveria arder o fogo, e ainda eram feitas grandes fogueiras para dar boas-vindas a Dajbóh, o deus do Sol” (TENCHENA, 2010, p. 105).

Os ucranianos, assim como outros povos antigos, veneravam o deus sol, pois ele lhes concebia luz e calor e assim poderiam trabalhar para manter seu sustento (TENCHENA, 2010).

O *blog* Pessânka Wordpress<sup>8</sup> (2012) descreve que o nome da festa *Hailka* vem da palavra “Hai”, que significa bosque, local de brincadeiras de roda e cantos; a festa tem origem no período pré-cristão, quando o povo ucraniano comemorava a chegada da primavera, ao fim de um rigoroso inverno.

Assim como relatam também os Ivan e Pedro<sup>9</sup>, que a festa acontecia após o inverno, depois que a neve derretia e as flores apareciam, para comemorar as pessoas dançavam e cantavam a *Hailka*, saldavam os deuses e pediam que a safra de alimentos fosse muito boa.

[...] a festa da primavera era um evento alegre no qual se acendia uma grande fogueira no meio da aldeia e todos comemoravam a chegada de Dajbóh no exato momento do solstício de primavera. Ao começar desse dia, o povo já estava em festa oferecendo presentes ao Deus Dajbóh e entre eles estavam as pêsankas. Nelas, estavam gravados os raios de luz que seriam oferecidos à terra(TENCHENA , 2010, p. 107).

Com a imposição do catolicismo, a *Hailka* passa ter caráter católico e ganha um novo significado; a festa passa a fazer parte da comemoração da ressurreição

---

<sup>7</sup> Ivan organizador entrevistado.

<sup>8</sup> O blog é de responsabilidade de Vilson José Kotviski, esta no ar desde 2009 e aborda diversos assuntos relacionados a cultura ucraniana.

<sup>9</sup> Pedro participante entrevistado.

de Cristo, realizada nas segundas-feiras após a Páscoa. Mesmo com um novo significado, não deixou de ter suas características originais: as músicas e as cantigas de roda ainda permanecem.

A *Hailka* da comunidade da Serra do Tigre, Dorizon, é uma das festas mais antigas da região, sendo que Pedro, emocionado, lembrou que participa da festa há mais de 50 anos e que a festa passou por várias mudanças. Ele lembra que antigamente não havia gaita ou violão, as pessoas apenas cantavam e dançavam ao redor da igreja; crianças, jovens e adultas relembavam canções aprendidas com seus avós. A festa reúne um universo de símbolos, que, à lembrança de Barretto (2007), constituem uma cultura e as diferencia das outras, para conhecer e entender esses símbolos.

Pedro também conta que a festa é motivo de orgulho para a comunidade e é uma forma de agradecer e pedir a Deus por dias melhores e de boa produção de alimentos; também há grande valor cultural, pois mantém viva a tradição ucraniana para que as futuras gerações conheçam e deem valor a esse costume. Para Ivan, a festa promove a manutenção da cultura, além de ser um momento de diversão a todas as pessoas. Diante da fala de Pedro e Ivan é possível perceber que a participação na festa reforça a tradição e mantém a comunidade unida.

Na manhã do dia 25 de maio de 2014, aconteceu mais uma *Hailka* na comunidade da Serra do Tigre. A festa *Hailka* inicia com Missa na Igreja São Miguel Arcanjo às 10 horas, rezada no rito ucraniano. Depois da missa, as pessoas seguem para o pavilhão de festas ao lado da igreja, onde é servido o almoço. Na imagem a igreja ucraniana São Miguel Arcanjo.



IMAGEM 8 - IGREJA SÃO MIGUEL ARCANJO



FONTE: Acervo da Autora

A gastronomia é um traço forte dos ucranianos e, assim como fazem em suas casas, a comunidade da Serra do Tigre serve nas festas alguns pratos típicos ucranianos. Neste dia, foram servidos: Charuto ou holoptchi (prato composto por carne e rética, conhecido também por trigo mourisco, ou arroz, e envolvido em folhas de repolho ou de couve), perohê ou varénieki (pastel cozido recheado com bata e requeijão) e o korováí (pão doce enfeitado tradicional em casamentos).

Também são servidos outros pratos resultado da influência de outras culturas como a costela fogo de chão, churrasco, galetto, maionese, saladas, pão, broa, bolos, pastel, sonho, cuca, tortas, bolachas caseiras e cerveja caseira. Após o almoço, as pessoas aguardam o início da *Hailka*, que começa por volta das 14 horas e segue até às 16 horas.

IMAGEM 9 - INICIO DA DANÇA DA HAILKA



FONTE: Acervo da Autora

Um grupo de cantores, tocando gaita, violão e bateria iniciam a *Hailka*. As danças acontecem da seguinte forma algumas pessoas saem de mãos dadas, ao som da música ucraniana *Vje Vockress*, e vão convidando os participantes da festa a formar a roda, a roda da *Hailka*, quando a roda está grande iniciam-se as coreografias das danças ditadas por uma pessoa, o cantor.

São danças diversas onde todos podem participar nada é combinado, as pessoas podem entrar e sair da roda quando quiserem. Se no dia da festa tiver sol, as danças são realizadas em frente à igreja, mas se estiver chovendo, dentro do pavilhão de festas.

A primeira dança é a *Adam i Eva*. Trata-se de um casal no centro da roda que faz uma coreografia, pula para frente, dá um abraço e gira; os outros têm que repetir e, quando todos os casais fizerem, o primeiro casal chama outro para fazer sua coreografia e assim por diante até acabar a música.

IMAGEM 10 - DANÇA ADÃO E EVA



FONTE: Acervo da Autora

A próxima dança é conhecida como Caracol ou *Romanotchku*. Forma-se um caracol, uma pessoa puxa as outras fazendo um caracol, cantando e dançando. Ivan conta que, quando não está chovendo, as pessoas dançam fazendo o caracol por todo o espaço da festa, juntando mais pessoas para ficar bem grade. No dia da festa observada chovia muito, deste modo, não foi possível observar este detalhe.

IMAGEM 11 - O CARACOL



FONTE: Acervo da Autora

Em outra dança, a *Katchurenhku*, uma moça chama dez rapazes para o centro da roda e dança um pouco com cada um; assim, vai eliminando um a um, durante a música, para por fim escolher um rapaz como pretendente.

Na música seguinte, *Vie*, todos são convidados a formar um túnel para a passagem dos casais e todos vão dançando e passando pelo túnel até que a música acabe. Por fim, forma-se novamente uma roda; um casal fica no centro de mãos dadas, erguendo e abaixando as mãos conforme a música *Litalasoroka*; a cada nova estrofe, entra um outro casal que estava na outra roda para o círculo central e todos continuam dançando no mesmo ritmo, quando a roda está bem grande, novamente a cada estrofe da música, os casais vão saindo.

A *Hailka* é repetida para que todos que queiram participar entrem na roda. O mais divertido é dançar e cantar. Todas as pessoas – crianças, jovens, adultos e velinhos – participam e brincam com as coreografias sem perder o fôlego. Muitos pais ensinam a música às crianças para que elas cantem também.

IMAGEM 12 - ÚLTIMA DANÇA.



FONTE: Acervo da Autora

Quando a *Hailka* chega ao fim, a festa prossegue ao som de música típica da cultura gaúcha comum na região sul do Brasil. Os jovens gostam muito das danças particulares a essa cultura.

O local onde acontece a festa é um pavilhão em alvenaria, também utilizado para reuniões e casamentos na comunidade, que conta com uma cozinha, dois banheiros e área para bar e churrasqueira, uma estrutura bem simples sem muitos acabamentos. O espaço externo é pequeno não há estacionamento para carros, vans ou ônibus.

A colônia fica a 16 km da cidade de Mallet, seguindo pela BR 153 até o distrito de Dorizon. Depois, percorre-se aproximadamente 5 km por uma rua calçada de pedras irregulares e o restante por estrada de terra. A localidade é bem conhecida por possuir a igreja ucraniana mais antiga do Brasil.

Conforme relata Ivan, a comunidade da Serra do Tigre mostra-se bastante receptiva e gosta de receber visitantes para apresentar como é a cultura ucraniana de Mallet. A festa é bem animada e percebe-se que as pessoas se identificam e esperam pelo momento.

Este momento festivo altera o cotidiano da comunidade, lhe oferecendo um momento de diversão e aproximação com os ritos religiosos, além de recriar as simbologias, tornando-se muito importante para a cultura da região.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Este trabalho teve como objetivo principal verificar se a festa religiosa ucraniana *Hailka* do município de Mallet (PR) caracterizava um atrativo turístico cultural. Para seu desenvolvimento, foram estudados os conceitos relacionados ao trabalho, feitos o levantamento das festas ucranianas no município, realizadas observações da festa *Hailka* e, ainda, entrevistas com pessoas ligadas à festa.

Segundo a reflexão dos autores citados anteriormente, pode-se ressaltar que o turismo cultural ganha destaque por ser uma atividade que contempla os afazeres e modo de vida da humana, proporcionando às pessoas o contato com o outro.

Essa atividade acontece das mais diversas formas e estilos em diferentes lugares; as pessoas são motivadas a apreciar as manifestações populares para suprir suas necessidades culturais. Dentro da atividade cultural, o turismo étnico ganha destaque por se tratar, de acordo com Barretto (2007), da apreciação da vida de grupos humanos.

A festa *Hailka* caberia na forma ampla do turismo cultural, pois este segmento trata de manifestações que oferecem ao turista o contato com o atrativo e, ainda, onde ele vivencia a experiência.

A *Hailka* estaria também nas atrações étnicas por ser uma festa do grupo ucraniano da Serra do Tigre que possui características específicas, diferentes das de outros grupos. O ritual da Páscoa para os ucranianos representa a religiosidade, a herança cultural e a mútua convivência em coletividade, isso é, lhes dá um estilo único de grupo étnico. Cardozo (2004) escreve que turista que busca pelo atrativo étnico dá a ele mais valor e isso é a razão da viagem diferente do turista cultural que consome o atrativo de forma geral.

No que se refere à cultura dos descendentes de imigrantes ucranianos da comunidade, é possível caracterizá-la como fonte de identidade; foi uma construção gradual por meio de recursos de adaptação. As tradições e a religião foram ganhando espaço na construção de um novo local. E é nessa perspectiva que se

pode observar que a cultura ucraniana é predominante até hoje na comunidade da Serra do Tigre.

A cultura religiosa da festa *Hailka* permanece como um sentimento de afeição à história. A cada festejar, cria-se uma interação do passado com o presente. Alves (2003) relata que as festas são a declarações de fé das pessoas e reafirmam o legado cultural, aproximam as pessoas, representam o sentimento religioso e são uma forma de agradecimento e pedidos. A cada momento de comemoração coletiva, a comunidade se reúne para manter viva as suas crenças e a cultura ucraniana.

Não se pode deixar de mencionar que as festas religiosas são, muitas vezes, comemorações restritas aos grupos étnicos; sendo assim, a presença de pessoas de fora traria constrangimento ou até aversão, tendo em vista que nem todas as comemorações ou rituais estão à disposição do turista; Este não é o caso da festa *Hailka*, pois se trata de uma festa aberta e que, segundo os entrevistados, mostra-se receptiva a pessoas de fora da comunidade, que gostam muito de mostrar sua cultura para as outras pessoas.

Ao receber turistas, a festa se torna mais um motivo de orgulho para as pessoas e garante a valorização da mesma, pois se trata de um bem imaterial que corre o risco de sofrer danos ou desaparecer. Cavenaghiet al.(2014) observam que, frequentemente, o bem perde o seu valor e o turismo seria um modo de estimular a preservação da festa e seus ritos.

A festa ainda não recebe turista, nunca foi pensada para isso. Em virtude disso, observa-se que a festa é direcionada para a comunidade e não para visitantes. Não há infraestrutura para recebê-los, o acesso é difícil e não há divulgação fora do município. As danças não são espetáculos, os espectadores hora estão assistindo, hora estão dançando e fazendo parte do evento.

Diante do que foi estudado, é possível afirmar que a festa não caracteriza um atrativo cultural por não receber turistas e não ter infraestrutura adequada para a boa fruição do mesmo, tendo em vista que, segundo Cardozo (2004), o atrativo não se basta atrair, mas deve também dar condições para o uso do turismo.

Mas a *Hailka* não deixa de ter um enorme valor histórico cultural para o município e para a comunidade. A *Hailka* é bela por preservar os costumes, que não são os da Ucrânia ou da Galícia, mas da comunidade da Serra do Tigre, em Mallet, pois é a cultura que hoje se preserva e mantêm viva; é a tradição do povo que

imigrou e modificou suas vidas para se adequar a um novo modo de viver. O estudo da festa demonstra que esta manifestação permite a manutenção da história, da memória e da cultura dos descendentes ucranianos.



## REFERÊNCIAS

ADAM, Adolf. **O ano Litúrgico**. 2a edição. Ed. Paulinas. 1983.

ALVES, Maria L. B. **Turismo e religiosidade**: Uma tentativa de diálogo. RITUR: Revista Iberoamericana de Turismo, Penedo, vol. 3, n, p. 25 – 37, 2013. Disponível em: <<http://www.seer.ufal.br/index.php/ritur/article/view/980/648>> Acessado em 08 de abr de 2014.

ARAGÃO, Ivan R. MACEDO, Janete R. **Festa, memória e turismo**; a procissão ao Nosso Senhor dos Passos, São Cristovão - SE. Revista Rosa dos Ventos, Rio de Janeiro – RJ, vol. 5, p. 15-28, 2003. Disponível em: <[www.spell.org.br/documentos/download/9770](http://www.spell.org.br/documentos/download/9770)> Acessado em 08 de abr de 2014.

BAHL, Miguel. **Legados étnicos e oferta turística**. Curitiba: Juruá, 2004.

BARRETTO, Margarita. **Turismo e Legado Cultural**: as possibilidades do planejamento. Campinas, SP: Papirus, 2000.

\_\_\_\_\_. **Manual de iniciação ao turismo**. 13. ed.rev e atual. Campinas: Papirus, 2003.

\_\_\_\_\_. **Cultura e Turismo: discussões contemporâneas**. Campinas- SP: Papirus, 2007.

BENI, Mário C. **Análise estrutural do Turismo**. 6. ed. São Paulo: SENAC, 2001.

\_\_\_\_\_. **Análise estrutural do turismo**. 8. ed.São Paulo/ SP: Senac, 2003.

BORUSZENKO, Oksana. **A imigração ucraniana no Paraná**. In: IV Simpósio Nacional dos Professores Universitários de História, São Paulo. Anais eletrônico. São Paulo, 1969. 423- 439 Disponível em: <[http://anpuh.org/anais/wp-content/uploads/mp/pdf/ANPUH\\_S04\\_15.pdf](http://anpuh.org/anais/wp-content/uploads/mp/pdf/ANPUH_S04_15.pdf)> Acessado em 31 de mar de 2014

BOULLÓN, Roberto C. **Planejamento do espaço turístico**. Tradução de: Josely Vianna Baptista. Bauru, SP: EDUSC, 2002.

BUENO, Marielys S. **Lazer, festa e festejar**. Cultur – Revista de Cultura e Turismo Cultur, Santa Cruz, v. 02, n. 02, p.48- 59, jul/2008. Disponível em: <[www.uesc.br/revistas/culturaeturismo](http://www.uesc.br/revistas/culturaeturismo)> Acessado em 06 de out de 2014

BURKO, P. Valdomiro N. **A imigração ucraniana no Brasil**. 2ed. Curitiba: OSBM, 1963

BRAGA, Débora C. **Planejamento turístico**: teoria e prática. Rio de Janeiro: Elsievier, 2007.

BRASIL, Ministério do Turismo. **Segmentação do Turismo: Marcos Conceituais**. Brasília: Ministério do Turismo, 2006.

BRASIL, Ministério do Turismo. **Estudos da competitividade do turismo brasileiro**. Brasília: Ministério do Turismo, 2007.

BRASIL, Ministério do Turismo. **Turismo Cultural: orientações básicas**. / Ministério do Turismo, Secretaria Nacional de Políticas de Turismo, Departamento de Estruturação, Articulação e Ordenamento Turístico, Coordenação-Geral de Segmentação. 3. ed.- Brasília: Ministério do Turismo, 2010.

CARDOZO, Poliana F. **Possibilidades e Limitações do Turismo Étnico: A presença árabe em Foz do Iguaçu**. f.169. Dissertação de Mestrado - Universidade de Caxias do Sul Programa de Pós-Graduação – Stricto Sensu Mestrado em Turismo Possibilidades, Caxias do Sul –RS, 2004.

CARDOZO, Poliana F. **Considerações preliminares sobre produto turístico étnico**. Pasos: Revista de Turismo y Patrimonio Cultural. Canárias, vol.4. n.6. 2006. Disponível em: <<http://pasosonline.org/Publicados/4206/PS020206.pdf>>. Acesso em: 08 de abr de 2014.

CARDOZO, Poliana F. **Planejamento turístico municipal**. Revista Virtual Partes São Paulo, 2007. Disponível em: <<http://www.partes.com.br/turismo/planejamentoturistico.asp>>>. Acessado em 16 de abr 2014.

CARVALHO, Deborah A.; BATISTA, Fábio D.; BARROS, Márcio I.R. de. In: **desenvolvimento metodológico do Plano de Atividades e Produtos, processo de tombamento federal de dois exemplares de arquitetura religioso-ucraniana no Paraná**. [s, l]: [s.n], 2011.

CAVENAGHI, Airton J.; BUENO, Marielys S.; CORRÊA, Renê N. **Festa e Turismo: Por uma Relação Possível**. Revista Rosa dos Ventos, São Paulo – SP, vol. 4, p. 587-598, 2012. Disponível em: <[http://www.uces.br/etc/revistas/index.php/rosadosventos/article/view/1738/pdf\\_88](http://www.uces.br/etc/revistas/index.php/rosadosventos/article/view/1738/pdf_88)> Acessado em 08 de abr de 2014.

COSTA, Flávia R. **Turismo e patrimônio cultural: interpretação e qualificação**. São Paulo: Senac, 2009.

COUTO, Edilece S. **Devoções, festas e ritos: algumas considerações**. Revista Brasileira de História das Religiões: Dossiê Identidades Religiosas e História, Maringá – PR, 2012. Disponível em: <<http://www.dhi.uem.br/gtreligiao/pdf/01%20Edilece%20Souza%20Couto.pdf>> Acessado em 15 de mai 2014.

CUNHA, Licínio. **Avaliação do Potencial Turístico**. COGITUR: Journal of Tourism Studies, [s.l], vol. 1, n.1, p. 21- 40, 2008. Disponível em: <<http://revistas.ulusofona.pt/index.php/jts/article/view/22/5>> Acessado em 20 de jun 2014.

DURKHEIM, Émile. As formas elementares da vida religiosa. São Paulo: Ed. Paulinas, 1989.

EPARQUIA UCRANIANA. **Padres Falecidos**. [s.l]: [s.n], [s.d]. Disponível em: <[www.eparquiaucraniana.com.br/.../PadresFalecidos/PadresHistoria.pdf](http://www.eparquiaucraniana.com.br/.../PadresFalecidos/PadresHistoria.pdf)> Acessado em 15 jun de 2014.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GUÉRIOS, Paulo Renato. **A presença da música sacra na vida cotidiana dos descendentes de ucranianos de Prudentópolis-PR**. Revista da Associação Brasileira de Etnomusicologia. Música e Cultura, [s.l], vol.5, 2010. Disponível em: <<http://musicaecultura.abetmusica.org.br/index.php/revista/article/view/140/89>> Acessado em 30 de set 2014

GUÉRIOS, Paulo Renato. **A imigração ucraniana ao Paraná: memória, identidade e religião**. Curitiba, PR: UFPR, 2012.

HORBATIUK, Paulo. **A colônia ucraniana de Mallet: núcleo de preservação e irradiação de padrões da cultura ucraniana**. Porto Alegre: Uniporto, 1989.

IPHAN. **Patrimônio Mundial: Patrimônio Imaterial**, 2006. Disponíveis em: <<http://portal.iphan.gov.br/portal/montarPaginaSecao.do?id=17155&retorno=paginalphan>> Acessado em 15 de mai 2014.

IPLAY. **Pêssakas**. s/d. Disponível em: <<http://www.iplay.com.br>> Acessado em 18 de out 2014

JURKEVICS, Vera I. **Festas religiosas: a materialidade da fé**. História: Questões & Debates, Curitiba, n. 43, p. 73-86, 2005. Disponível em: <<http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs/index.php/historia/index>> Acessado em 01 de jun de 2014.

KALENA A ARTE DO SUL TRAZIDA DA EUROPA. **Igrejas Ucranianas do Sul do Brasil**, 2009. Disponível em: <<http://kalena-artedosultrazidasdaeuropa.blogspot.com.br/2009/06/igrejas-ucrainas-do-sul-do-brasil.html>>Acessado em 14 de out 2014

LARAIA, Roque de B. **Cultura: um conceito antropológico**. 24. ed., [reimp.] - Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

LENO CERRO, Francisco. **La evaluación del potencial turístico en un proceso de planificación: el Canal de Castilla**. Estudios Turísticos. Madrid: Micyt, 1993.

MAIA, Carlos E. S. Ensaio **Interpretativo da Dimensão Espacial das Festas Populares**: proposições sobre festas brasileiras. IN: ROSENDAHL, Zeny, e CORRÊA, Roberto Lobato. (org.) Manifestações da Cultura no Espaço. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1999, p.191-218

MALLET, Prefeitura Municipal de. **História**. Disponível em: <[http://www.mallet.pr.gov.br/Site\\_mallet/historiademallet.asp](http://www.mallet.pr.gov.br/Site_mallet/historiademallet.asp)> Acessado em 30 de mai de 2014.

MINAYO, Maria C. de S. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 23. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

PESSANKA WORDPRESS. **Hailka**: tradição das comemorações da Páscoa ucraniana em Paula Freitas-PR. Cultura ucraniana, 2012. Disponível em: <<https://pessanka.wordpress.com/category/cultura-ucraniana/>> Acessado em 02 ago 2014.

PÉREZ, Xerardo P. **Turismo cultural uma visão antropológica**. Aca y Pasos: RTPC, 2009.

PRIORI, Angelo; POMARI, Luciana R.; AMÂNCIO, Silvia M.; IPÓLITO, Veronica K. **História do Paraná: séculos XIX e XX**. Maringá :Eduem, 2012.

RUSCHMANN. Doris van de M. **Turismo e planejamento sustentável: a proteção do meio ambiente**. Campinas – SP: Papirus, 1997.

SOARES, Joécio G.; PEREIRA, Tiago K.; DIAS, Wolliver A. **Método da Observação: reflexões acerca de seu uso e formas de aplicação**. Revista Partes: São Paulo, 2011. Disponível em: <<http://www.partes.com.br/reflexao/metododaobservacao.asp>> Acessado em 01 ago de 2014.

TENCHENA, Sandra M. **Memória de mulheres ucranianas: recriação de tradições em Prudentópolis – Paraná**. f.127. Dissertação de Mestrado – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Mestre em Ciências Sociais, São Paulo – SP, 2010

ZALUSKI, Tarcisio, OSBM, **Jornal da Paróquia Ucraniana**, s/d, s/p.

## APÊNDICE

### A. ROTEIRO DAS ENTREVISTAS

Qual é a relação do entrevistado com a festa? (é organizador, participante) há quanto tempo?

( ) Organizador

( ) Participante

Há quanto tempo participa da festa?

Qual é a história da festa em Mallet?

Ela ocorre/ia na Ucrânia?

Qual o significado da festa?

Qual a importância da festa para a comunidade?

Qual o interesse da comunidade em receber turistas?

Por quê?

Além da fé, quais outros aspectos da cultura ucraniana estão presentes na festa?

## B. INVENTÁRIO

<b>Inventário das Festas Religiosas Ucrânicas de Mallet - PR</b>	
Nome da Festa	
Local da Realização	
Data da realização	
Horário da Realização	
Manifestação de fé	( ) Missa ( ) Celebração e Cultos
Organização	( ) Comunidade ( ) Outras
Público	( ) Comunidade ucraniana  ( ) Comunidade e visitantes
Abrangência	( ) Local ( ) Regional ( ) Estadual
Alimentação	( ) Pratos típicos ucranianos _____ _____  ( ) Outros Pratos _____ _____  ( ) Bebidas em Geral
Expressões culturais	( ) Danças ucranianas ( ) Música ucraniana ( ) Outras _____

Elaborado pela autora.